



CURRÍCULO E ORGANIZAÇÃO EM NÚCLEOS

Gostaria de saber mais detalhes sobre os "núcleos". Os nomes já dão uma "dica": Iniciação, Consolidação e Aprofundamento. Mas, o que acontece com mais detalhes em cada um? Qual é o tempo mínimo de permanência em cada núcleo, registrado até aqui?

Pai de aluna:

Na Iniciação, as crianças desenvolvem as competências básicas para poderem elaborar e seguir um plano de estudos de forma autônoma. Aquelas que ainda não sabem ler e escrever são alfabetizadas. As que já leem e escrevem são apresentadas a esta maneira de trabalhar, são preparadas para entrarem no cotidiano de estudo e aprendizagem que caracteriza as etapas posteriores. Aprendem a pesquisar, a elaborar projetos, a realizar planejamento quinzenal e diário, aprendem a trabalhar em equipe...

Embora a grande maioria das crianças na Iniciação tenha menos de oito anos, não é raro encontrar crianças mais velhas, que sabem ler e escrever, mas que vieram de escolas tradicionais e precisam aprender a trabalhar como as demais trabalham.

Na Consolidação, as crianças já seguem um plano de estudos, trabalhando em grupos pequenos, acompanhadas por seus tutores e professores.

No Aprofundamento, elas já trabalham de forma autônoma, embora acompanhadas por seus professores, porém de forma menos dirigida.

Em muitos casos, as crianças já entram na escola diretamente no núcleo de Consolidação, ou no de Aprofundamento. Minha filha foi logo para a Consolidação, pois evidenciou características compatíveis com esse estágio.

Como se mudou toda a escola?

A elaboração dos núcleos é feita somente pelos coordenadores?

Educadora brasileira:

Realizar muitas mudanças de uma só vez é mais fácil quando há adesão de toda equipe ou, pelo menos, de grande parte. Com a Ponte tudo começou aos pouquinhos, a partir da prática de um único professor. Talvez o caminho para os nossos problemas esteja, em primeiro lugar, em quebrarmos as paredes que estão dentro de nós. As paredes de alvenaria são menos importantes, apesar de serem simbólicas.



Na semana passada estive na Amorim e na Lumiar e ambos são projetos muito diferentes da Ponte, pelo que pude perceber, especialmente, o da Lumiar as raízes estão bem fincadas apenas na pedagogia libertária.

Os três núcleos são as células organizadoras da Escola, não é mesmo? Cada núcleo tem uma Coordenadora, que também é Orientadora Educativa, ou seja, trabalha diretamente com as crianças nos espaços.

As reuniões com os tutorados acontecem na quarta-feira pela manhã e é nesse dia e turno que as Coordenadoras dos Núcleos reúnem-se com o Coordenador do projeto "Fazer a Ponte", para planejarem a Reunião da Equipe, que acontece todas as quartas-feiras, na parte da tarde. Essas quatro pessoas organizam uma pauta para discussão na parte da tarde, analisam convites que chegam, e arrumam tudo para a discussão ampliada na parte da tarde, quando estão juntos todos os professores. Também participa dessas reuniões da Equipe, o Presidente da Associação de Pais da Escola da Ponte.

Seria possível nos falar um pouco mais sobre a etapa de chegada das crianças a essa escola, e seu primeiro ano de estudos?

Educadora brasileira:

O "ano letivo" inicia-se no mês de setembro de um ano e vai até final de junho do ano seguinte. Algumas crianças passaram pelos infantários (instituições de educação infantil), mas têm algo em comum: estão no processo de alfabetização. Elas ficam agrupadas num espaço chamado Iniciação, para que se insiram na cultura da Escola, avancem na prática de trabalhar com autonomia e, sobretudo, caminhem no processo de construção das competências de leitura, escrita, lógico-matemática e habilidades ligadas às expressões artísticas e físico-motoras. É nessa etapa que as crianças apreendem que, para trabalhar, é preciso "não arrastar a cadeira; falar baixinho; ajudar o grupo; saber pedir a palavra", entre outras atitudes importantes.

Complemento para quem tiver interesse: mais uma vez vou recorrer ao meu Diário de Campo, especificamente no dia 30/09/2005, quando participei da primeira reunião de pais e Orientadores Educativos do ano 2005/2006. Lá está escrito assim:

"Preferi acompanhar toda a reunião do Núcleo de Iniciação, pelo fato de ser o primeiro e, certamente teriam pais e/ou mães que ali estavam pela primeira vez. Também considerei importante observar a reunião inteira e penso que a minha decisão foi acertada, pois as discussões se estenderam até quase meia noite, cujos conteúdos entrecruzaram-se entre falas que demonstravam tranquilidade em relação ao Projeto e falas dos iniciantes, carregadas de receios, dúvidas e expectativas. Um dos temas bastante discutido foi o processo de alfabetização

das crianças, exatamente entre aqueles cujos filhos acabaram de ingressar na escola. Uma das mães começou por dizer que seria bastante questionadora, colocou: "Não conheço a prática do Projeto. Conheço a filosofia do Projeto". "Preciso saber qual é o método da escola, como é que funciona e qual é a dinâmica."

"Esta mãe demonstrou muita ansiedade e parecia bastante insegura em relação a opção que fez de matricular a filha na Ponte. Uma das professoras procurou esclarecer como se dá o processo de alfabetização, conforme a prática da escola e exemplificou: "aprende-se a falar, falando; a andar andando e não precisa ninguém ensinar. "A mesma coisa ocorre em relação à leitura e a escrita." A Professora queria que entendessem que as crianças aprendem, naturalmente, partindo de pequenos textos, de frases e palavras do cotidiano, que têm significado e permitem serem inseridas num contexto e não de letras e sílabas, que, isoladamente não dizem nada. Um dos pais, também de primeira vez, disse da sua preocupação, pois não entende a prática da escola e não sabe como ajudar o filho. Disse que precisaria de registros diários, para saber o que o filho faz na escola. Uma das professoras orientou que, todos os dias, perguntasse ao filho o que fez na escola. O pai questionou: "Quando eles chegam ao 10º ano estão preparados como em qualquer outra escola? Como resposta escutou uma afirmação. Uma das professoras colocou que trabalham conforme o "método natural" para a aprendizagem da leitura e da escrita e citou que "o método natural foi defendido e utilizado por grandes educadores, como foi o caso de Freinet"¹ e na Ponte, ao longo de tantos anos, tem demonstrado bons resultados. Uma mãe pediu a palavra e disse: "Eu confio nesta escola. A minha filha está aqui pela primeira vez e eu me desloquei de outra cidade, para que ela estudasse aqui, porque desejo uma educação que a liberte e para isso eu tenho que confiar a educação dela aos professores desta escola." Outros depoimentos se seguiram, reforçando os bons resultados alcançados pelas crianças. Um pai que estava sentado ao meu lado, disse-me baixinho: "Tenho um filho que já está no Núcleo de Consolidação e agora o outro está começando, mas eu estou tranquilo, porque sei que os resultados serão positivos. No início da educação do primeiro miúdo [criança] também fiquei preocupado." Levar ou não levar trabalho para casa foi um tema bem debatido e com opiniões bastante divididas. Uma das mães disse que seria importante se os professores "obrigassem" as crianças a fazerem trabalho de

¹ O educador francês Célestin Freinet (1896-1966) iniciou as bases de uma pedagogia que tornou-se conhecida como Escola Moderna ou Pedagogia Freinet. Sobre o método natural sugerimos a leitura de três das suas obras: O Método Natural I - A aprendizagem da Língua. 2. ed. Tradução: Franco de Sousa e Maria Antonieta Guerreiro. Lisboa: Editorial Estampa, 1989. O Método Natural II - A aprendizagem do Desenho. 2. ed. Tradução: Franco de Sousa e Teresa Balté. Lisboa: Editorial Estampa, 1989. O Método Natural III - A aprendizagem da escrita. 2. ed. Tradução: Teresa Marreiras. Lisboa: Editorial Estampa, 1989. Para saber mais consultar www.freinet.org.br e www.freinet.org



casa, pois, neste sentido, têm mais autoridade do que os pais. Alguns lembraram que as crianças já passam o dia todo na Escola e que precisam de tempos livres para brincar e para fazerem outras coisas. Uma professora lembrou que quando há necessidade de complementação, os trabalhos de casa são orientados. Essa discussão me fez lembrar a questão do trabalho de casa, que em muitos casos nada mais é do que tarefa, e o sentido diferente que envolve a idéia de Hora de Estudo em Casa, que tenho discutido em conversas com professores e pais. O volume de "tarefas de casa" impostas aos alunos, pelas escolas, comumente, tem sufocado a possibilidade das crianças e adolescentes construírem a prática de reservar um tempo do dia para estudar, independente de existir atividades orientadas pela escola. No Brasil, este espaço se faz ainda mais necessário, considerando que, majoritariamente, as escolas têm uma carga horária por dia de apenas 4 horas ou 4 horas e meia. Caso a escola e as famílias queiram formar pessoas autônomas, urge, cada vez mais, substituir a prática de fazer tarefa pela prática do estudo, que incorpora a primeira e agrega qualidade positiva à formação. Faltavam poucos minutos para a meia-noite quando a reunião foi dada por encerrada e alguns ainda permaneceram conversando em pequenos grupos."

Existe um tempo mínimo e máximo em que a criança fica num núcleo? Poderia ilustrar com algum caso?

Professor:

No Núcleo da Iniciação pretende-se, como o próprio nome indica, que os alunos iniciem o seu trajeto na escola num quadro de valores que lhes sirva de âncora para a vida. Estes valores matriciais (que têm vindo a ser explicitados ao longo das conversas) fundamentam todo o trabalho que é desenvolvido neste e nos outros núcleos. Esta nota prévia é fulcral, para que se perceba toda a dinâmica organizacional da Escola da Ponte.

Assim, setenta e seis crianças (creio que é este o número atual) do núcleo de Iniciação convivem diariamente com doze orientadores que, normalmente, desenvolvem o seu percurso nesse núcleo. No entanto, convém salvaguardar que a gestão dos espaços de trabalho e de recursos humanos é efetuada consoante as necessidades do trabalho que se está a desenvolver. Isto quer dizer que, se algum de nós, num dado momento, for necessário a um núcleo distinto daquele a que, normalmente, pertence, a gestão dos recursos humanos é feita no sentido de satisfazer as necessidades do momento.

Concretizando: há espaços e orientadores específicos para os diferentes núcleos, sendo que essa afetação não é estanque, nem absolutamente rígida. No caso das crianças que chegam à escola pela primeira vez, o trabalho é necessariamente distinto dos restantes...



No caso da iniciação à leitura e escrita, a abordagem adotada é global (da frase à palavra, da palavra à sílaba...). Em termos práticos... No início da semana, as crianças fazem a «notícia do fim-de-semana», desenham aquilo que mais gostaram de fazer num dos dias do fim-de-semana... Com a ajuda dos orientadores, legendam as imagens que desenharam. Constroem a frase que eles atribuem a essa notícia (por exemplo, «No fim-de-semana, o João foi a casa da madrinha com a mãe, o pai e o Tomás»). No restante tempo, realizam atividades em torno desta e de outras frases. No que diz respeito à iniciação ao pensamento lógico-matemático, o trabalho assenta na abordagem aos rudimentos do cálculo, da geometria e ao alargamento do conhecimento numérico. Sobre os números e cálculo, tendo em conta que muitas das crianças se encontram numa fase, cujo pensamento é, sobretudo, cardinal, todo o trabalho é efetuado com o recurso à manipulação de materiais. São diversas as tarefas que realizam: contagens, sequências numéricas, adições e subtrações simples... Este trabalho permitirá consolidar e aprofundar o conhecimento numérico e conduzirá os alunos a outra etapa fundamental: a consciencialização de que o sistema de numeração decimal é um sistema ordinal em que cada algarismo tem um valor diferente consoante a posição que ocupa no número. Na geometria, os percursos realizados visam o desenvolvimento da localização e do relacionamento espacial e também com a familiarização dos elementos geométricos fundamentais.

O tempo não é, para nós, fator determinante para a ponderação de uma transição de um núcleo para outro. Tal quer dizer que a transição de núcleo se verifica quando um aluno evidencia o conjunto de atitudes e conhecimentos que estão previstos nos "perfis de transição".

Professor:

Só um pequeno acrescento... O tempo mínimo para um determinado aluno estar em qualquer núcleo é o necessário para os professores fazerem uma avaliação bem feita do seu estágio de desenvolvimento. O tempo máximo é aquele em que ele, por questões de maturidade e socialização começa a ficar desenquadrado.

Sou diretora de uma escola de educação infantil e leciono em uma Universidade da região uma disciplina sobre fundamentos da educação infantil. Sei que a Ponte ainda não trabalha com a Educação Infantil, mas está nos planos da escola. Minha questão é como vocês trabalham o ingresso das crianças de cinco anos na Ponte, que tipo de trabalho eles fazem diferente dos mais velhos (se é que fazem). Li que eles participam das assembleias, mas gostaria de saber se há alguma proposta específica dos professores para os miúdos de cinco anos na divisão de temas de trabalhos.



Professor:

Os alunos que chegam pela primeira vez à escola não formam logo grupos estáveis. Sentam-se nas mesas (em grupo) onde querem (por afinidade pessoal) e fazemos um plano quinzenal com eles. Nesta fase, o trabalho diário é bastante mais orientado. Eles ainda não conhecem as possibilidades que temos para oferecer nem as possibilidades de trabalho. Contudo, estamos sempre dispostos a sugestões e a alterações. O plano da quinzena é uma forma de eles começarem a sentir que decidem o seu percurso, de se empenharem no trabalho e de trazerem a sua vida extraescolar para a escola.

O plano quinzenal com as crianças de cinco anos é individual ou coletivo? Quantas crianças há em cada grupo?

Professor:

Numa primeira fase, o plano quinzenal do grupo de alunos da “primeira vez” é coletivo. Quando o processo de leitura e escrita começa a estar mais desenvolvido, começam a fazer plano do dia individual e plano da quinzena.

Os grupos são constituídos por três alunos. Menos do que isso não é bem um grupo, ou, melhor dizendo, equipe.

Em Portugal, as crianças podem entrar na escola com cinco ou seis anos (em casos especiais com sete, mas o Ministério está a tentar acabar com o adiamento da matrícula). Assim, o grupo da 1ª vez é constituído pelos alunos que estão a iniciar o processo de alfabetização, de iniciação à Matemática, desenvolvimento da componente artística (motora, plástica, dramática, musical) e a conhecer melhor a sua Escola.

O Núcleo de Iniciação recebe crianças que chegam à Ponte com nenhuma noção de auto planeamento, ou de fazer o que deve ser feito para a sua própria gestão. No site da Ponte eu li que vocês usam o método natural para a leitura e escrita (sem fundamentalismos, é claro) e também noções de aritmética neste núcleo. Se algumas crianças não sabem e não conseguem definir o que fazer, como fica a questão dos trabalhos realizados? É o professor-tutor que decide por ela? Neste processo de decisão, há uma linha a seguir, um plano? Não seria isso um planeamento?

Na minha percepção, a diferença é que eu estou planeando com o aluno e sentindo suas necessidades, ao invés de chegar numa sala de aula com o trabalho do dia previamente elaborado. Seria isso?...

Professor:



Quando fazemos o planejamento da quinzena com os alunos da primeira vez, eles (coletivamente) já têm uma ideia muito concreta do que é uma escola e dão imensas sugestões interessantes que, normalmente, abrangem todas as áreas. Esse processo, porque coletivo, costuma ser muito simples. O que não falta aos alunos (sobretudo aos mais novos...) são ideias.

Um dos fundamentos básicos do projeto da escola se refere à concepção de que o aluno está em permanente desenvolvimento e que esse segue em diferentes ritmos. Certo?

Em relação ao desenvolvimento da identidade pessoal, quais seriam os princípios que norteiam a compreensão dessa dimensão do desenvolvimento do aluno? Está presente, de algum modo a noção de fase de desenvolvimento?

Professor:

Está implícito. Ou seja, ajuda-nos a analisar algumas situações com que nos deparamos e a estabelecer de alguma forma um quadro mental de análise. Contudo, tentamos ao máximo analisar cada aluno em concreto. Conceitos tão vastos como infância/adolescência ajudam-nos a compreender os aspectos gerais dos comportamentos/formas de expressão/esquemas mentais, mas são generalizações. É necessário depois ver como é cada caso concreto. Por outro lado, as passagens de umas fases para as outras são muito dinâmicas e pessoais. É interessante acompanhar os alunos (nós acompanhamos muitos alunos desde os 5 até aos 15 anos) e ver como eles passam por fases em que parece que dão saltos de desenvolvimento para, logo de imediato, parecer que esses saltos ainda não aconteceram.

Professora:

A fase de desenvolvimento em que o aluno se encontra influencia a sua interação com o mundo. Assim, o respeito pela sua individualidade complexa engloba, obviamente, a atenção à sua fase de desenvolvimento. Para lhe explicar como ter consciência disso é importante, posso dar-lhe dois exemplos. Neste momento, na escola, os alunos estão a discutir os seus Direitos e Deveres. E os debates (também de preparação da Assembleia), que ocorreram em cada núcleo, tiveram de ter em conta a fase de desenvolvimento dos alunos (para além de outros fatores, como os anos de inclusão no projeto “Fazer a Ponte”).

No ano passado, alguns alunos do núcleo de Aprofundamento questionaram a existência semanal da reunião de Assembleia (nas quais participam os alunos dos três núcleos, ou seja, com idades compreendidas entre os 5 e os 17 anos). Os alunos argumentavam que sentiam a necessidade de debater entre eles determinados problemas que temiam que os alunos mais novos não compreendessem. Apesar disso, os alunos do núcleo de Aprofundamento chegaram também à



conclusão de que a partilha das suas experiências é bastante fértil para o desenvolvimento dos colegas dos outros núcleos. Eles vivem isso nas assembleias, nas reuniões de grupos de responsabilidade, enfim, no dia a dia. Este é o espírito de cooperação!

Com este exemplo pretendia tornar claro como também os alunos se apercebem da complexidade de cada fase de desenvolvimento, sabendo, como nós, que nada se repete nem é estanque.

Trabalho com acompanhamento de bebês, e com eles é evidente o desenvolvimento do pensamento e linguagem apenas nas suas vivências práticas das brincadeiras, que ainda não são recheadas de palavras por força do desenvolvimento. Vejo explicitamente "conversas" através de olhares e gestos durante o brincar, e tenho filmado essas interações sem palavras, mas cheias de entendimentos internos e interligados...

Levando em conta essas questões de desenvolvimento de uma forma mais ampla, e trazendo uma ideia de que talvez as tentativas de teorização da prática tenham nos afastado da essência do ser criança, gostaria de saber de educadores, como vocês como entendem o "apoiar o desenvolvimento" das crianças dentro da educação. Como cada um acredita que isso se realize na sua prática?

Professor:

O nosso apoio depende um pouco da fase em que se encontra cada aluno. Nos alunos da Iniciação, é necessário estarmos mais presentes na sugestão de tarefas, na ajuda da escolha do que colocar no Plano da Quinzena, na estimulação da utilização do "Eu já sei" e do "Eu preciso de ajuda"... Mas, sobretudo, prende-se com o fato de ouvir o aluno e tentar compreender o que ele pretende e precisa. As dúvidas de cada um deles são muito diversas. Eles avançam por caminhos diferentes e a passo muito "descompassado"...

Na Consolidação e no Aprofundamento a nossa ajuda já é mais distante e já se centra mais nos aspectos essencialmente conceptuais ou dúvidas pontuais. Paralelamente, é necessário estar atento à pessoa que é o aluno. Tentar compreender se existe algo que o preocupa, algo que não esteja bem com ele, ou com os amigos, ou com a família. Este papel costuma ser desempenhado pelo professor-tutor (não exclusivamente).

Ainda sobre avaliação gostaria de ouvi-los falar um pouco mais sobre como se dá a passagem das crianças da etapa inicial, em que ainda se alfabetizam, para o processo de trabalho em equipe com os planos quinzenais. Em outras palavras, minha preocupação específica é sobre avaliação na alfabetização. Quais são os critérios que vocês utilizam para dizer se esta ou aquela criança está pronta para ingressar na nova etapa de aprendizagem, na Ponte?



Professor:

Na fase da iniciação à leitura e à escrita a avaliação é essencialmente baseada na observação direta. Observando os textos que os alunos vão produzindo, com cada vez com mais autonomia, observando a forma como vão lendo para os colegas e para nós todos os dias (no, início através da memória; posteriormente, lendo - processo de retirar *significado* de material escrito), vamos ficando com uma ideia muito precisa do que cada aluno é capaz de fazer em cada momento. Lentamente, começam a fazer um plano do dia incipiente (só com a indicação de que área pretendem trabalhar nesse dia). Depois, começam a utilizar livros para estudar o que precisam (sobretudo de estudo do meio - os de língua portuguesa e de matemática para estas idades costumam ser uma desgraça...) e vão complexificando o seu trabalho, até ao momento de precisarem de fazer o seu plano do dia.

| | |
|--|--|
| <p>Plano da Quinzena nº ____ de ____ / ____ / ____ a ____ / ____ / ____</p> <p>Nome _____</p> <p>Grupo: _____</p> | Auto avaliação |
| <p>O nosso Projeto é: _____</p> <p>O que eu quero aprender: _____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> | <p>O que aprendi nesta quinzena?</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>O que mais gostei de aprender nesta quinzena?</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>Outros aspetos que ainda gostava de aprofundar neste projeto:</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>Mas ainda não aprendi a... Porquê?</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>Outros Projetos que gostaria de desenvolver:</p> <p>_____</p> <p>_____</p> |



Avaliação geral da quinzena

Informações do Professor Tutor:

Observações do Pai/ Mãe/ Encarregado de Educação:

Observações do aluno:

Professor Tutor: _____ Data : __ /
__ /

Pai / Mãe / E. Educ.: _____ Data : __ / __
/ _____

Aluno: _____ Data : ____ / ____ / ____

Material de Apoio
EcoHabitar Consultoria e Projetos Educacionais Ltda
Instituto Gaia Escola



Professor:

A transição de núcleo é sugerida pelo professor tutor e analisada por todo o núcleo. Pode encontrar os perfis de transição na nossa página da internet, dentro de "Projeto" e depois dentro de cada núcleo. Depois, é proposta ao aluno e aos pais.

O Ministério obriga todas as Escolas a efetuarem exames aos alunos que se preparam para terminar o Ensino Básico (9º ano). Só promove dois exames (Língua Portuguesa e Matemática) que deverão abarcar todo o Ensino Básico. Os exames são iguais em todo o país e feitos à mesma hora. Esta avaliação entra com uma determinada percentagem (penso que 30%) para a nota final de ciclo. Estes exames inserem-se numa nova "moda", que consiste na ideia que só o que é examinado é bom e que os exames resolvem todos os problemas do sistema educativo.

Como isso é feito o acompanhamento das famílias? Quando um aluno é transferido da escola, como fica a documentação escolar perante as exigências da secretaria de educação? E quando o aluno precisa passar mais tempo em um mesmo nível de ensino (ex: nível de consolidação), uma vez que seus colegas são promovidos para o nível de aprofundamento, como isso é trabalhado?

Professora:

Relativamente à sua questão sobre o acompanhamento das famílias, ele pretende-se mútuo, isto é, que os orientadores e a escola estejam sempre disponíveis para o encontro e que os pais participem ativamente.

No contato direto, o professor tutor é quem de imediato recebe os pais para conversar sobre o percurso escolar do seu educando. Porém, desde sempre a escola se apresentou como um espaço aberto à participação ou solicitação dos pais em qualquer circunstância. Esta relação de proximidade tem vindo a ser cultivada ao longo dos anos, através de encontros recorrentes em diversos contextos. Nomeadamente, as reuniões de pais mensais, as atividades conjuntas de celebração de dias especiais, as atividades e brincadeiras entre grupos de pais, os encontros de reflexão e discussão parental (Paisagem), entre outras.

Esta convivialidade e comunicação promovidas, necessariamente, por se tratar de uma escola "aberta" a todos os intervenientes educativos, faz com que o tradicional encontro do pai com o orientador educativo não se traduza numa desagradável lista de queixas ou lamentos sobre o aluno, e se estabeleça uma relação de parceria, como deve ser efetivamente.



Os pais são os melhores parceiros da escola, melhor dizendo, a escola é parceira dos pais. Aproveito para prestar a minha homenagem aos elementos da Associação de Pais que sempre intervieram neste projeto de forma ativa e cooperante.

Em situação de transferência de um aluno para outra escola, deverá acompanhá-lo um processo administrativo onde constam todos os seus dados pessoais e escolares, bem como a avaliação dos seus conhecimentos e competências e uma possível classificação. Digo "possível", na medida em que a avaliação quantitativa nunca traduzirá com justiça aquilo que a criança se propôs fazer, os meios que utilizou para atingir os seus objetivos individuais e coletivos e as competências que foi desenvolvendo, a seu ritmo e juntamente com os seus pares. A este nível, ainda não conseguimos ser totalmente autônomos e continuamos insistindo na reflexão e discussão desta questão, até que um dia os nossos governantes se apercebam da incoerência de tal avaliação.

Quanto à sua terceira questão, como percebeu, os núcleos assumem-se como uma instância de organização pedagógica e correspondem a unidades coerentes de aprendizagem e desenvolvimento pessoal e social. Daí que, a transição de uma criança para um outro núcleo dependa necessariamente da evidência, ou não, de determinadas competências que se perspectivam como expectáveis para determinado Núcleo. Esta organização foi a forma encontrada neste Projeto para "situar" cada criança num determinado estágio de desenvolvimento cognitivo e atitudinal. Assim, a transição dos alunos é primeiramente pensada e discutida no seio do núcleo a que o aluno pertence e, posteriormente, ponderada em equipa. Todas as transições têm em conta o perfil de aluno e são cuidadosamente comunicadas pelo tutor do aluno aos encarregados de educação.

Os perfis intermédios foram construídos há dois anos. Anteriormente, existia um único, que visava o perfil "ideal" do aluno inserido neste projeto. Esta estratégia facilitou a avaliação das competências ao nível de cada núcleo, mas deve ser sempre encarada com sensatez e cautela, pois há que ponderar os itens na sua globalidade e considerar outros fatores pedagógicos de ordem organizacional que determinam a transição dos alunos.

A par destas decisões pedagógicas há, por vezes, a necessidade de se reter determinados alunos administrativamente, como forma de salvaguardar eventuais transferências para outras escolas.

Há algum instrumento específico de avaliação sobre o perfil do aluno portador de necessidades especiais na transição da Iniciação para a Consolidação?

Educadora brasileira:

Não cheguei a conhecer nenhum tipo de instrumento específico, podemos investigar melhor.

Pelo que acompanhei das atividades da psicóloga, ela ainda investigava formas de realizar uma avaliação psicológica mais precisa, principalmente nos casos de alunos portadores de



necessidades especiais. Ela percebia a necessidade da utilização de instrumentos como o WISC e o DFH III, por exemplo, mas ainda se debatia com a falta de um espaço específico voltado para esse tipo de avaliação.

Quando saí da escola, após a minha pesquisa, a sala da psicóloga já estava delimitada, mas não sei por quanto tempo, pois era estranho no meio de tantos espaços "abertos" a manutenção de um espaço isolado por quatro paredes. Eis o desafio para o psicólogo escolar: Como realizar a avaliação psicológica integrada ao trabalho escolar?

De uma maneira geral, a passagem da iniciação para a consolidação se dava através da conquista da autonomia de planificação, pesquisa e trabalho em grupo.

Um aluno que poderia mudar de grupo, mas não apresenta um nível de aprendizagem em uma única matéria, como fica nestes casos?

Professora:

Creio que esteja falando de mudança de núcleo. "Não apresentar um nível de aprendizagem em uma única matéria" é uma situação que diz que nós enquanto orientadores não estivemos a fazer nada com esse aluno...

Há casos de alunos que têm poucas evidências de aprendizagem em determinadas áreas. Existe na escola um documento, chamado Perfil de Transição de Núcleo, onde são descritas as competências que os alunos devem possuir para poder transitar entre núcleos. No entanto, mesmo não apresentando 100% dessas características, há casos em que a transição acontece, para que cada aluno dê continuidade às suas aprendizagens noutro núcleo, junto de seus pares amigos que os poderão ajudar. Os orientadores de outro núcleo farão com que o aluno dê continuidade às suas tarefas, aos seus projetos.

Um professor refere: "tivemos uma discussão extremamente interessante no núcleo da Consolidação (reunião de núcleo e eu só posso ir a uma de cada vez) e foi uma boa discussão de temas pedagógicos, em volta da motivação do querer e do dever, da autonomia possível e da heteronomia ainda necessária".

Eu gostaria de ter maiores detalhes. Na Ponte, existe alguma abertura extra, em termos curriculares? Como isto se dá? Há uma referência que, em muitos casos, é ultrapassada tendo em conta as finalidades do Ensino Básico português e das finalidades gerais de cada uma das áreas a serem trabalhadas? A definição do tema é feita pelos alunos com orientação dos professores? É este o diferencial que a Ponte apresenta para o fato de propor ao educador



um abandono ao papel de "transmissor de conteúdos" para se transformar num pesquisador, e o aluno por sua vez, passa de receptor passivo a sujeito do processo?

Professor:

As reuniões dos três núcleos ocorrem ao mesmo tempo. Contudo, todos os professores pertencem a um só núcleo. Só o coordenador geral e a gestora não estão agregados a um determinado núcleo. A gestora não costuma estar nas reuniões de núcleo. Como coordenador geral, estou sempre numa delas. A decisão daquela em que estarei, normalmente, passa pouco por mim próprio. Consoante as questões que são levantadas em cada núcleo e as solicitações das respectivas coordenações, decidimos todos, em conjunto.

Confesso que, em casos muito específicos, escolho uma determinada reunião, porque sinto que vai ser especialmente interessante.

As reuniões de Dimensão também ocorrem todas em simultâneo.

Existe, claramente, abertura para que os alunos trabalhem para além do prescrito no Currículo Nacional. Sempre que um aluno quer trabalhar algo que não está previsto no CN, existe a possibilidade de o aluno ir além. Na maioria dos alunos há relação com o currículo nacional e não há qualquer problema. Darei um exemplo: “sopro no coração” não está diretamente citado no currículo nacional, mas está intimamente ligado ao sistema circulatório e era algo significativo para um aluno, porque tinha descoberto que padecia de um “sopro no coração”... Outro exemplo: “carros tuning” não estão citados no currículo nacional, mas o assunto está relacionado com as regras da prevenção rodoviária, com novas formas de negócio...

Em alguns casos, nós (orientadores educativos) não fazemos a mínima ideia do que há para saber (o caso dos carros tuning) e temos que pesquisar sobre o assunto. Por vezes, os alunos pretendem estudar com um grau de profundidade que nós não dominamos. E é necessário que nós pesquisemos também. Em todos estes processos, o aluno encontra-se muito empenhado e nós aprendemos.

Se um dos fundamentos básicos do projeto da escola da ponte se refere à concepção de que o aluno está em permanente desenvolvimento, como é visto o desenvolvimento do docente em suas ações, seguindo esta perspectiva de desenvolvimento?

Professor:

A Ponte baseia-se no princípio de que todo o ser humano está em constante processo de aprendizagem e desenvolvimento. Assim, também estamos todos nós.



Quando as coisas estão um pouco mais complicadas, faço um grande esforço para pensar como era há um ano, há dois, há três... E registro com satisfação as alterações que surgiram e a minha própria melhoria. Já me zango menos vezes, já consigo estar mais atento a pormenores pessoais, o que, antes, não conseguia. Já consigo ter um melhor raciocínio estratégico, já consigo admitir que tenha errado, já percebo melhor por que é que fazemos as coisas como fazemos, já consigo relacionar-me melhor com os alunos... E, tal como no caso dos alunos, este desenvolvimento proveio da experiência, da necessidade, da comunicação, da emoção...

Muito se fala da escola da Ponte aqui no Brasil. Todos se encantam com a autonomia dos alunos, como vocês preparam esses alunos quando estes chegam à escola, com vícios anteriores, para que entrem no esquema dessa autonomia? É muito interessante o estudo pela pesquisa, pois aguça a curiosidade e também este esquema de tutoria e ajuda pelos colegas, incentivando a solidariedade, através da ajuda dos que sabem para os que têm dúvidas. Como é feito o controle dos conhecimentos adquiridos através das pesquisas realizadas?

Professor:

Quando os alunos de outras escolas são acolhidos na Ponte, importa, em primeiro lugar, saber que pessoas estão perante nós. Só depois de conhecermos a pessoa do novo aluno, só depois de ele se ver como pessoa, só depois de ele conseguir ver que os outros, também, são pessoas, é chegado o momento de passar ao questionar dos "vícios" e à reciclagem dos afetos. Teremos, então, condições de ensinar e aprender.

É um processo complexo, demorado e sujeito a regressões. Nem sempre conseguimos. Também a Ponte registrou alguns insucessos, nos seus mais de trinta anos de existência. Temos os nossos limites. É deveras difícil conseguir motivar jovens que já não acreditam nos adultos...

O controle das aprendizagens é feito em registros de avaliação formativa. A avaliação acontece quando o aluno quer e a pede, isto é, quando sente que é capaz. E os alunos e professores vão assinalando os seus progressos em grandes "lençóis" de papel, em linguagem de gente, acessível a pais e a quaisquer pessoas que pretendam consultá-los.

Não consigo entender muito bem, peço novamente desculpas, se sou daquelas alunas que ficam perguntando coisas óbvias no meio da aula, mas aí vai: Ainda não está claro para mim o dia a dia dos alunos e professores na escola. Entendo que existem tarefas a serem feitas, que existem conteúdos a serem estudados, mas às vezes me parece tão autônomo, que não precisariam de professores. Por exemplo, existem "aulas" como conhecemos aqui? Ou são



apenas horários de tirar dúvidas com os professores? Quais são os momentos em que o professor ou tutor é requisitado? Isto pode acontecer em qualquer horário do dia? Um mesmo professor pode atender a vários grupos, ou não? Tenho muitas dúvidas... É muita coisa para aprender e desaprender... E como é difícil para quem nasceu dentro de um sistema tão fechado como o que eu estudei!

Ex-aluna:

As perguntas óbvias de uns ajudam a dar resposta àqueles que, por pensarem que irão fazer “má figura”, guardam para si tais questões. Não tenha receio de perguntar, pois estamos aqui para responder a tudo!

Na verdade as “aulas”, como são aí conhecidas, existem também na Escola da Ponte e acontecem quando um elevado número de alunos mostra ter dificuldades numa mesma matéria. O professor dessa disciplina organiza uma “Aula direta” (é esse o nome dado na escola da Ponte), em que participam todos os alunos que inscreveram no dispositivo “Eu preciso de ajuda” o tema em que apresentam dúvidas.

Quanto ao professor tutor, este pode ser requisitado pelo aluno em qualquer momento do dia, embora haja uma reunião semanal com todos os tutorados, para pôr em dia o trabalho realizado até então. Um professor tutor tem cerca de 8 a 12 tutorados.

Quanto à sua pergunta sobre um professor atender vários grupos, isso é verdade! Os professores na escola da Ponte estão “espalhados” pelo espaço de trabalho e atendem um aluno assim que ele pede ajuda (levantando o braço). Todos os professores trabalham com todos os grupos, não havendo distinção entre uns e outros.

Gostaria que nos fizesse um resumo do processo da Assembleia realizado com os alunos.

Ex-aluna:

É com muito prazer e orgulho que posso afirmar que estive diretamente ligada com a Mesa de Assembleia durante a minha passagem por esta escola da vida. Pertencer à Mesa (ou à Comissão de Ajuda) é um cargo muito importante e responsável, pois temos em nossas mãos a voz de todos os alunos da escola. Peço desculpa se estou a fugir à pergunta colocada, mas achei importante referir este aspecto.

Respondendo à sua questão, aqui vai o relato de todo o processo que é realizado pela Mesa de Assembleia.

Todas as semanas (às segundas-feiras), um dos elementos da Mesa percorre todos os espaços da escola a pedir assuntos aos alunos, para os “discutir” na Assembleia dessa semana. Os assuntos vão desde problemas da escola à partilha de pesquisas ou interesses. No dia seguinte, a Mesa de



Assembleia toda se reúne para preparar a carta de convocação para a reunião seguinte e a ata da última reunião.

Nas quintas-feiras, realizam-se debates de preparação por todos os espaços, para garantir que não existem mais dúvidas relacionadas com a carta de convocação. Por fim, à Sexta-feira da parte de tarde, todos os alunos, professores, funcionários, pais e visitas reúnem para discutir os assuntos propostos.

Na semana seguinte, todo o processo volta a realizar-se.

Você afirmou que o trabalho é sempre realizado em grupos, contudo cada um dos integrantes possui objetivos diferentes a cumprir para a(s) disciplina(s) escolhida(s). Minha dúvida está nestes objetivos diferenciados, o que você quer dizer com isto? Os conceitos tratados nas disciplinas não são apenas voltados para o projeto que o grupo se dedica?

Aluna:

Sim, são dirigidos para todo o grupo. Mas, como nos diferentes grupos existem alunos de várias idades e saberes, têm objetivos diferentes uns dos outros.

Gostaria que você contasse como foi aprender matemática na Ponte (conte uma experiência) e a diferença de como aprender matemática em outra escola.

Aluna:

A sua pergunta é uma pergunta original, uma vez que nunca me haviam colocado... Aprender Matemática é muito fácil na Escola da Ponte, assim como nas outras escolas. O problema está no apoio que recebemos por parte do professor que nos acompanha. Ou seja, enquanto que na Ponte a ajuda é "personalizada", individual, cada um é ajudado conforme as suas dificuldades e necessidades, nas escolas de ensino tradicional a ajuda é dada da mesma forma para um grupo de 20 e tal alunos, o que faz com que muitas dúvidas fiquem por esclarecer.

Por exemplo: eu estou a estudar funções. Na Ponte, escolho um dos vários manuais que tenho à minha disposição (normalmente o que penso estar mais completo e explicar de forma mais clara e simples) e começo a fazer a minha "pesquisa". Resolvo os exercícios que me são propostos e, a certa altura, uma dúvida surge. Peço ajuda ao meu colega de grupo. Se não souber responder, peço ajuda ao professor. Este, por sua vez, explica-me o que devo fazer, como e porquê. Isto acontece várias vezes, até me sentir preparada para ser avaliada.

Numa escola tradicional, o manual é igual para toda a gente e, muitas vezes, não é acessível. O professor expõe a matéria e, devido ao barulho existente na sala de aula, metade fica por ser ouvido.



Caso vários alunos tenham dúvidas, e por muito que o professor seja bom e preocupado com a turma, nem todas serão respondidas e isso trará consequências com o avançar da matéria.

Sou professora de Educação Especial no curso de Pedagogia de uma Universidade Pública no Brasil. Gostaria de saber como pais e alunos vivenciam a inclusão de crianças e adolescentes com necessidades educacionais na Escola da Ponte. Quem são essas crianças e como são feitas as adaptações para elas?

Pai de aluno:

A inclusão das crianças com necessidades educativas especiais é feita com a maior naturalidade possível. A maioria delas vem parar à Ponte por verem esta escola como última esperança de integração, recuperação, ou aceitação para frequência da escola em idade escolar.

Chegam à Ponte crianças institucionalizadas, "órfãos de pais vivos" (famílias desestruturadas), Síndrome de Down e outras. A todas elas é dada, individualmente, a melhor resposta possível. Os pais lidam com essas crianças sem distinção, com tolerância e compreensão, por questões de humanismo. Os nossos filhos chamam-nos à atenção, quando nos referimos aos "deficientes", dizendo-nos que não são deficientes, mas sim... "diferentes".

Afinal, o que todas as crianças precisam, é de amor, atenção, carinho, afeto, quanto mais àquelas que se veem privadas destas e de outras coisas mais tangíveis.

Os alunos pesquisam, por exemplo, sobre adjetivos, porque isso estava no seu plano? Depois, esse material é visto pelo orientador? Esse material é socializado no grupo de trabalho?

Quando paramos para pensar que somos nós os responsáveis pelas práticas renovadoras, precisamos de tempo para o registro. Quando esse tempo virá?

Professor:

O processo de aprendizagem é, em si, socializador. A socialização não acontece somente na comunicação com o grupo, ou na apresentação de produtos finais. Mas os alunos partilham as suas descobertas.

O aluno chega à necessidade de "estudar adjetivos" em decorrência de necessidades que estão por detrás de necessidades, que enuncia e que o orientador educativo reinterpreta e leva a incluir no plano de quinzena. Para além desse trabalho de "negociação", o orientador acompanha, estimula, auxilia, provoca, corrige, avalia...



Se não houver padronização de tempo único nas escolas, o tempo para sair e refletir (e registrar) será em qualquer momento. Será necessário repensar a organização das escolas, para que esse e outros "impedimentos" não aconteçam.

Quais os momentos em que os alunos estão mais felizes ao longo da “rotina diária” nesta Escola (comparando com as escolas brasileiras este momento seria a hora do intervalo, a hora da educação física, a hora do passeio)?

Educadora brasileira:

É comum se ouvir adultos dizerem: aqui as crianças são mais felizes do que nas outras escolas, mas é claro que como em qualquer outra escola, na Ponte elas também são mais felizes quando estão a brincar. Temos mania de excluir coisas em nome de outras, mas quase sempre podemos conviver com isto e aquilo, parafraseando o "Isto ou Aquilo".

Falando do “lixo” com o qual se deparou no início da Ponte, mencionou que era prioritário encontrar a pessoa perdida para depois encontrar o aluno... Acho que é essa ideia que tange meu incômodo na minha prática: primeiro me deparar com as pessoas, depois com seus papéis na escola... e minha atividade tem sido procurar que professores e alunos sejam pessoas inteiras umas diante das outras e possam se encontrar naquilo que é o diálogo de ensino-aprendizagem... Vai por aí?

Todos nós ajudamos a manutenção da organização da escola para a transmissão de conteúdos: onde está a simplicidade de transformação, de reconfiguração com tantas pressões a que a escola é submetida, particularmente a escola particular, cuja receita depende basicamente de manter os alunos dentro dela, com anuência de seus pais, que esperam tanto da escola diante destes mesmos instrumentos criados para "medir" conhecimentos?

Professor:

Falar de “encontrar a pessoa”, como falo, nada diz... mas diz tudo. Nas escolas, as pessoas estão ausentes. Estão lá alunos e professores. Ambos atentamente vigiados pelos clientes-pais. As representações de todos face à aprendizagem e à Escola conduz a que se não tenha por centro a pessoa, mas o vestibular...

Algo de inesperado descobri, quando, na Ponte, conseguimos escapar a esse destino. O que viemos a fazer, substituindo o antigo, era bem mais simples e mais eficaz e eficiente. Transformamos uma máquina de transmitir (que, de tão gasta, pouco ou nada transmitia) num tempo de comunicação, de criação de vínculos afetivos, de relação entre PESSOAS, e num espaço tão simples que permitiu



que as (até então, ocultas) pessoas dos alunos e dos professores se manifestassem. E espanta como foi tão simples! É como escreve: a “simplicidade da transformação”. E está ao alcance de todos. De qualquer um...

E, se aplicarmos à Ponte (ou a outra escola pautada pela simplicidade de processos) os “instrumentos criados para medir conhecimentos”, verifica-se que os alunos dessas escolas obtêm melhores resultados do que os de outras escolas (que funcionam nos moldes tradicionais). Como se explica?...

O ensino de línguas estrangeiras também acontece nesses grupos de pesquisa ou em "classes tradicionais"? Os alunos da Ponte deixam a escola com fluência nessas línguas?

Aluna:

O ensino de línguas estrangeiras acontece da mesma forma que as restantes valências lingüísticas. Cada aluno tem de incluir no seu planeamento quinzenal: um item gramatical, leitura e interpretação de um texto e escrita de um pequeno conto. E devem trabalhar os quatro idiomas.

Existe também uma espécie de "classes tradicionais" a que chamamos de Oralidade - seguidamente relacionada com cada idioma em causa. A Oralidade é um momento destinado, somente à língua em questão. Fazemos leituras de textos, diálogos, entre outras atividades.

Em relação à segunda questão, isso depende da aprendizagem de cada aluno, tal como numa escola "tradicional".

Gostaria que descrevesse um dia (com todas as atividades desenvolvidas) na Escola da Ponte.

Aluno:

Vou descrever a sexta-feira, o dia em que se realiza a reunião da Assembleia. Assim, ficam a entender o que é a Assembleia.

De manhã, quando chegamos à escola, fazemos o plano do dia. Este é um documento onde colocamos o que vamos fazer durante todo o dia. De seguida, iniciamos o estudo da valência, e durante o resto da manhã é o dito trabalho normal. Na parte da tarde temos reunião de responsabilidade.

Para explicar melhor o que é uma responsabilidade vou dar o exemplo da minha: "Datas e Eventos". Esta responsabilidade trata da realização de festas, de datas especiais portuguesas. Cada responsabilidade tem trabalho dentro da escola, para que o seu funcionamento seja o melhor.



Também acontece na parte da tarde a Assembleia, o momento em que podemos exprimir a nossa opinião, estarmos todos juntos e resolver os problemas da escola. E é assim a sexta-feira na Escola da Ponte.

Para a pergunta abaixo parti do princípio de que o programa elaborado pelos alunos da Ponte é composto de temas e não de conhecimentos específicos de cada disciplina. E de que um tema pode ser estudado nas especificidades de uma área, na relação de algumas apenas ou de várias áreas do conhecimento. Então me surgiu a dúvida: O programa e os planos quinzenais contemplam todas as disciplinas? Existe um controle/orientação de que durante o ano letivo o aluno tenha estudado todas as disciplinas? Ou isso fica a critério do aluno, de seus gostos e preferências?

Aluna:

Os planos quinzenais contemplam todas as disciplinas e vai servir de apoio ao tutor de ter consciência do desenvolvimento do aluno em cada área.

O plano é feito para nos ajudar a gerir o tempo de forma a estudarmos todas as disciplinas de igual modo, não deixando nenhuma “para trás”. Apenas fica a critério do aluno a ordem das matérias a serem estudadas em cada disciplina, de acordo com as suas preferências, contudo TODAS têm de ter o seu tempo de estudo!

Há algum tempo, venho lendo artigos sobre a Escola da Ponte. E, de um modo geral, nos artigos, vem nos informando dos assuntos estudados pelos alunos. Mas ainda não li nada a respeito de como acontecem as atividades artísticas (artes visuais, teatro, música e dança). Como é que elas acontecem? São formados grupos de interesse, por exemplo, em criar uma peça de teatro? Conhecer, inventar e tocar um instrumento musical? Gostaria de saber mais sobre como são trabalhadas as linguagens artísticas.

Aluna:

Mais uma vez as artes foram discriminadas!... Nós podemos abordar as disciplinas artísticas de várias formas. Uma delas é em projetos que envolvam a escola toda, sendo interdisciplinares e que, por isso, precisem de apoio e de conhecimentos da área artística. Aí, verificamos quais os temas que iremos abordar e trabalhámo-los, de acordo com as aprendizagens previstas.

Outra forma de abordarmos as disciplinas é escolhendo e desenvolvendo um projeto que vai de encontro aos nossos gostos e aos nossos interesses. Esses projetos incluem objetivos das disciplinas artísticas que queremos desenvolver.



Por exemplo, estamos a estudar a mitologia romana e gostaríamos de fazer uma pequena peça de teatro, para que todos os nossos colegas tivessem conhecimento do nosso trabalho, assim como alargassem o seu conhecimento quanto a esta temática. Para a realização deste projeto juntam-se todos aqueles que além de estarem a estudar o mesmo tema, possam manifestar interesse pelo mesmo. Em seguida "passamos para o papel" todas as nossas ideias, juntamente com as formas de colocá-las em prática.

Para desenvolver o projeto, obrigatoriamente, teremos de ter as noções básicas do teatro. Para animar a peça teremos de escolher músicas características daquele tempo, ou mesmo criar a nossa própria música, o que envolve conhecimentos históricos e musicais... O mesmo acontece em todas as áreas que possam de certa forma, ter alguma ligação a Roma e à sua mitologia.

A duração do projeto é indefinida, embora se estabeleçam prazos para a sua realização, que tentarão ser cumpridos. A apresentação pode ser realizada em festividades, ou mesmo numa data a ser escolhida pelos "produtores" do projeto. Esta será divulgada, de forma a proporcionar a toda a comunidade um "bom momento cultural".

Os alunos pesquisam sobre, por exemplo, adjetivos porque isso estava no seu plano? Depois, esse material é visto pelo orientador e, por fim, é socializado no grupo de trabalho?
Quando paramos para pensar que somos nós os responsáveis pelas práticas renovadoras, precisamos de tempo para o registro. Quando esse tempo virá?

Professora:

A partilha de aprendizagens não está organizada para acontecer num determinado tempo, ou espaço. Acontece sempre que os alunos o queiram fazer e são incentivadas nesse sentido. Quanto ao tempo para registro, isso acontece no espaço em que estamos a trabalhar e, de certa forma, o trabalho em equipa possibilita-nos a rentabilização das tarefas, pois estamos sempre cerca de três a cinco orientadores em cada espaço.

Penso que não se pode falar em avaliação de um processo, sem falar de planeamento e replaneamento. Penso, também, que aí está um dos trunfos da Ponte na construção concreta e diária da autonomia de crianças, jovens e adultos, este avaliar-se e planificar-se diário levam a um exercício cotidiano e verdadeiro de auto avaliação e construção de uma objetividade na determinação de metas a cumprir num projeto.

Sabendo que a avaliação depende do planeamento e o planeamento do ano letivo só começa quando chegam as crianças, como acontece este primeiro momento? Como é ter as crianças todas de diferentes idades, em diferentes níveis de aprendizagem (naturalmente) mais aquelas



que são novas na escola, para planificar tarefas, projetos? Subsequente a isso, as crianças registram suas avaliações, como a "ticar" aquilo que já realizaram?

Professora:

Quando fechamos o ano letivo, nós refletimos sobre possíveis transições de Núcleo de alguns alunos. Desta forma, iniciamos o ano seguinte com algumas orientações pedagógicas para os alunos que continuam no projeto. A partir daqui, o primeiro trabalho desenvolvido com os alunos prende-se com a promoção de dinâmicas de conhecimento entre eles, reflexão e debates. Depois, todo o trabalho de planejamento do ano depende dos alunos. Isto é: tradicionalmente, desenvolvem-se debates para elencar as preocupações dos alunos, os seus anseios, os problemas que detectam no mundo, na cidade e na escola. E, acima de tudo, os seus interesses.

É importante que os alunos comecem a criar laços de empatia e proximidade por interesses comuns, para começarem a pensar no seu grupo de trabalho. Na base da formação dos grupos está o critério da heterogeneidade (de idades, de níveis de desenvolvimento e, eventualmente, de gênero). O trabalho começa a desenvolver-se a par dos primeiros encontros com os professores-tutores e, para os professores, esta é uma fase de diagnóstico (ainda precária) de conhecimentos e de atitudes.

Um dos momentos cruciais do arranque do ano letivo é o da formação de listas para a Mesa de Assembleia. Nesta fase, os alunos aproximam-se com um objetivo comum e nobre, pensam na vida da escola, começam a ter uma atitude interventiva e crítica em relação ao que os rodeia e iniciam um "projeto" de reflexão sobre o que é preciso mudar e como pensam fazê-lo.

A discussão sobre os dispositivos de trabalho também ocorre, para ajudar a integrar os novos alunos e relembrar que a Ponte é uma escola diferente.

A planificação de tarefas surge a partir de um dispositivo de trabalho, o "plano da quinzena", que é um plano de intenções, onde estão patentes os objetivos das diversas áreas de saber, o que o aluno pretende atingir em quinze dias, e que vai gerindo diariamente, sob a forma de diversas tarefas.

Quando os alunos se propõem a avaliação, os orientadores registram no seu plano a aquisição de objetivos. Os projetos surgem no seio do grupo e visam a partilha com toda a escola.

Quais disciplinas fazem parte do currículo escolar? Como os projetos são integrados a esse currículo?

Educadora brasileira:

Da minha tese de doutorado transcrevo o seguinte quadro, para que se compreenda como está organizada a equipe e as disciplinas que compõem o currículo. Estão organizadas segundo cinco

[DIMENSÕES CURRICULARES E FUNCIONAIS.](#)



1. Dimensão Lingüística

NÚCLEO INICIAÇÃO

Três professores de Língua Portuguesa, dois professores de Língua Portuguesa/Inglês;

NÚCLEO CONSOLIDAÇÃO

Um professor de Língua Portuguesa, um professor de Língua Portuguesa/Inglês;

NÚCLEO APROFUNDAMENTO

Um professor de Língua Portuguesa/Francês, um professor de Inglês/Alemão.

2. Dimensão Lógico-Matemática

NÚCLEO INICIAÇÃO

Três professores de Matemática;

NÚCLEO CONSOLIDAÇÃO

Dois professores de Matemática.

NÚCLEO APROFUNDAMENTO

Um professor de Matemática.

3. Dimensão Naturalista

NÚCLEO CONSOLIDAÇÃO

Dois professores de Ciências da Natureza, um professor de Ciências Naturais;

NÚCLEO APROFUNDAMENTO

Um professor de Físico-Química.

4. Dimensão Identitária

NÚCLEO CONSOLIDAÇÃO

Dois professores de História e Geografia.

NÚCLEO APROFUNDAMENTO

Um professor de História, um professor de Geografia.

5. Dimensão Artística, Tecnológica e Físico-Motora

NÚCLEO INICIAÇÃO

Um professor de Expressão Dramática, um professor de Expressão Plástica, um professor de Expressão Musical;

NÚCLEO CONSOLIDAÇÃO

Um professor de Educação Musical, um professor de Expressão Dramática, dois professores de Educação Visual e Tecnológica (EVT);

NÚCLEO APROFUNDAMENTO

Um professor de Educação Artística (Educação Visual), um professor de Educação Tecnológica, dois professores de Educação Física (atendem aos três Núcleos.).

Outras Valências Curriculares e Funcionais:



NÚCLEO INICIAÇÃO e NÚCLEO CONSOLIDAÇÃO – um Coordenador Geral do Projeto, um professor e um psicólogo, que trabalha a Formação Pessoal e Social.

Os projetos nascem do interesse de cada grupo estudar um determinado tema. O mesmo é inserido no Plano da Quinzena e conseqüentemente no Plano do Dia. Existem grelhas que facilitam a organização/elaboração do projeto e nelas há espaço para o registro dos objetivos das disciplinas, que serão trabalhados por ocasião do estudo sobre um determinado tema.

Estar desenvolvendo um projeto de pesquisa não exclui o trabalho com outras atividades, voltadas para atingirem os objetivos do currículo oficial. Durante os seis meses que acompanhei o trabalho na Ponte constatei os projetos acontecendo a partir do Núcleo de Consolidação. Os orientadores do núcleo de Iniciação justificaram a ausência dos projetos na etapa que atuam pelo fato das crianças ainda estarem construindo autonomia.

Os planos são feitos a partir de um currículo. Como uma criança de 6/7 anos (ou até as maiores) consegue determinar, no currículo, o que ela gostaria de aprender? E se o currículo tem de ser cumprido, como alcançar este objetivo?

Quando os professores faltam, como a escola gerencia? Entendi que os alunos não são dispensados, mas como fica a qualidade das "aulas"?

Educadora brasileira:

Pensei algumas coisas a partir das suas questões. Em relação aos planos das crianças de 6 e 7 anos, sempre é ressaltada na Ponte a necessidade da conquista da autonomia, no entanto isso é construído aos poucos. As crianças menores ainda precisam de uma condução maior por parte do professor, ainda precisam compreender a necessidade do plano e a sua função no cotidiano da escola. O gerenciamento das atividades acontece de maneira gradativa e com o apoio docente, fruto de uma constante negociação. Sem dúvida, as crianças da Consolidação já conseguem gerenciar melhor sua aprendizagem, mas o diálogo com o professor sempre acontece.

Acompanhei algumas atividades de crianças, que estavam na escola pela primeira, ou segunda vez. Faziam alguns planos da quinzena coletivamente, com uma orientação muito presente do professor, mas, antes, precisam compreender a função do planejamento, para que, com o passar do tempo, possam ter uma maior responsabilidade por suas escolhas.

Como os planos já foram construídos, as crianças sabem o que fazer mesmo sem que o professor determine, mesmo quando um professor não vá à escola. A responsabilidade dos espaços é compartilhada por uma equipe de educadores, não existe o professor de uma determinada turma, todos são responsáveis por todos.



Educadora brasileira:

As crianças de 6/7 anos estão no Núcleo de Iniciação - 1ª vez e não escolhem os objetivos a serem trabalhados. Numa outra oportunidade, eu já falei sobre o trabalho a partir das notícias do final de semana, que é como tudo começa entre os pequeninos. Com os demais, a liberdade de escolha é até certo ponto, pois acontece uma mediação muito razoável por parte dos professores, já que alguns conteúdos para serem apreendidos necessitam de outros como pré-requisitos. De tudo, o que mais importa é a Ponte não massificar o currículo, como se todos estivessem sempre no mesmo ponto em relação ao desenvolvimento e as aprendizagens. Há um respeito ao momento de cada criança/adolescente. E a diversificação dos planos ajuda bastante.

Quando os professores faltam, como a escola gerencia? Nenhum professor trabalha sozinho e, quando acontece de alguém faltar, há sempre pelo menos um que conhece de perto o percurso do grupo. Nesses casos, logo alguém é deslocado de outro espaço para suprir a falta do colega. A dinâmica da Ponte é surpreendente! Está sempre a pulsar.

Como é que na escola da Ponte os alunos são motivados a fazer os projetos das várias valências? Como é que os alunos sabem que existe determinado assunto e se interessa por ele? Que dispositivos utilizam os orientadores, para motivarem os alunos a fazerem os projetos?

Professora:

No início do ano letivo, o trabalho no Núcleo da Consolidação arrancou com recolha das curiosidades dos alunos. Os alunos, individualmente, enumeraram as suas áreas de interesse e, numa fase posterior, com o seu grupo de trabalho, chegaram a uma decisão consensual, ou seja, escolheram um tema comum que seria motor das aprendizagens nas diferentes valências. As crianças são seres curiosos por natureza e não foi difícil para elas elencar questões cuja resposta gostariam de descobrir (muitos grupos pensam já em projetos futuros...).

A origem desses interesses é diversa. No mural de cada Dimensão, encontra-se afixada uma listagem de temas e possíveis tarefas, de modo a que os alunos tenham consciência da diversidade de questões que poderão aprofundar. Essas listagens têm por base os conteúdos previstos no currículo. Porém, as curiosidades dos alunos surgem, sobretudo de algo por eles experienciado (um programa da BBC que viram na televisão, uma notícia que leram nas revistas que disponibilizamos na escola, uma doença que tiveram...). As questões por eles levantadas, no início deste ano, prenderam-se mais com a Dimensão Naturalista, mas não invalidaram a transversalidade com outras Dimensões, dependendo do que queriam saber, bem como do modo como pensam partilhar as suas descobertas (dramatizações, músicas, power point, notícia para o jornal...). Paralelamente, podem



surgir outros projetos que envolvem toda a escola, nomeadamente a preparação da festa de Natal ou outras comemorações, bem como projetos propostos externamente.

Um aluno disse que estava a “iniciar o estudo de uma valência. O que é valência?

Professor:

Na Ponte, os professores estão organizados em Dimensões (podem ver no Regulamento Interno): Naturalista, a Lógico-Matemática, a Linguística, a Identitária e a Artística. As Dimensões são uma plataforma de encontro e discussão de problemas específicos. Por outro lado, asseguram a coerência de trabalho em toda a escola. Dentro de cada dimensão, existem várias valências. Por exemplo, dentro da dimensão Naturalista estão a Biologia, a Geografia, a Física-Química... Há quem lhe chame “disciplinas”...

A carga horária de todas as turmas (de 1ª a 9ª) é período integral (8 horas diárias)? Os professores são todos exclusivos da Escola da Ponte? Qual a carga horária de cada um? E o pró-labore deles?

Os alunos almoçam na escola?

Educadora brasileira:

As crianças ficam o turno integral na escola. Param para almoçar entre 12:00h e 12:30h. Existe a possibilidade de almoçar na escola ou em casa. Muitos almoçam na escola. Retomam as atividades às 14:00h. Algumas crianças fazem a opção de realizarem algumas atividades complementares oferecidas pelos professores (cinema, capoeira, artes etc.), parece que em função de demandas de horários das famílias. Essas crianças ficam na escola até às 18:00h.

Os horários dos professores seguem também essa lógica. Passam o dia na escola. Fazem um revezamento, para que não tenham que ficar todos os dias nas atividades complementares. Nesse sentido, a dedicação tem que ser exclusiva, não dá para trabalhar em mais de uma escola.

Quanto ao pró-labore, não sei falar em números exatos, mas sei que não é nada de extraordinário, pode ser até proporcional ao o que alguns professores ganham nas capitais brasileiras.

Como arte educadora que sou, tenho curiosidade de saber se na Escola da Ponte, há algum trabalho específico de artes com as crianças. E, se tem, como é feito?

Educadora brasileira:



Cada questão tem provocado um remexer no meu baú de memórias e suscitado questões para pensar.

Há um trabalho muito bacana de artes, que é feito integrado entre os professores de Expressão Dramática, Expressão Plástica e Expressão Musical. Existe o horário que garante um encontro semanal, ou até mesmo mais de um, de acordo com a necessidade. As crianças se deslocam para o Espaço das Expressões, que é uma sala como as outras e usam-se mesas e cadeiras ou colchonetes, dependendo da atividade.

No momento do trabalho de Artes, os três professores estão juntos e o trabalho acontece, majoritariamente, a partir de temas mobilizados pelas datas significativas, que as crianças decidem serem importantes para trabalharem: Natal, Queima do Judas, as Festas da Vila (aniversário de Vila das Aves), Festas Juninas. São sempre as crianças que definem se trabalham sobre um determinado tema e o quê e como será feito. Elas são de fato protagonistas, autoras, contando com a mediação dos professores.

Há também projetos pontuais, realizados em parcerias com outras instituições e/ou profissionais, que acontecem em dias concentrados. Ao final, acontece uma apresentação para toda comunidade. Os “produtos”, frutos de projetos, que acompanhei, foram sempre ricos em conteúdos e em diversidade de linguagens (dança, música, teatro).

Como são ministradas as aulas de artes (plásticas, dramáticas e musicais) na Escola da Ponte?

Professor:

Penso que a percepção do que acontece na Ponte demora algum tempo a fazer. Tentando ajudar: tal como em todas as outras áreas não há aulas (a não ser no caso da utilização do “preciso de ajuda” e, mesmo assim, são aulas diretas – algo semelhante a uma explicação partindo de questões e dos conhecimentos prévios dos alunos (eles já haviam estudado algo em relação à aula direta).

Os alunos planejam o seu trabalho e decidem o que pretendem fazer. Há trabalhos que implicam um grupo de alunos e, nesses casos (nesta e em todas as outras áreas) os alunos conversam, para chegar a uma conclusão. De resto, tenta-se ao máximo que todas as decisões sejam tomadas por eles, à medida que as necessidades inerentes ao trabalho planejado se vão trabalhando, os diferentes aspectos inerentes a cada uma das valências (Expressão e Educação Plástica, Dramática, Musical e Físico-Motora).



No esclarecimento a respeito das disciplinas que compõem o currículo, fiquei muito curiosa a respeito das línguas estrangeiras. Os alunos escolhem essas línguas, ou são "determinadas" pela equipe docente?

Caso um aluno entre direto no Núcleo de Consolidação e não tenha conhecimentos da Língua Inglesa, como é feito o trabalho?

Educadora brasileira:

As línguas integram o currículo, Na Consolidação, o Inglês entra em cena. No Aprofundamento, os alunos aprendem Inglês, Francês e Alemão. Os estudantes são orientados para a importância do estudo de outros idiomas. Como sabemos, na Europa é comum um investimento maior, para que as pessoas falem vários idiomas. É importante ressaltar que existem discussões entre professores, no sentido de organizarem estratégias mais favoráveis para o estudo das línguas, pois é fundamental a conversação, o trabalho com a oralidade. Na Ponte, ao se privilegiar os planos individuais, sem aulas comuns para todos, os professores sentem falta de momentos para explorar um pouco mais a oralidade. Penso que a preocupação faz sentido.

Na iniciação não existe a língua inglesa? Se existir como fica a questão de alguns teóricos que apontam para a confusão que pode se estabelecer quando o ensino da língua estrangeira se dá simultaneamente ao processo de alfabetização?

Fiquei em dúvida também em relação ao método de ensino nos núcleos de Consolidação e Aprofundamento, pois até hoje nunca conheci uma forma de ensino das línguas diferente do ensino tradicional, com aulas. Como é feito? Os alunos têm aulas? Ou tenta-se inserir estes conteúdos nos projetos?

O que define a mudança de um núcleo para o outro?

Estou refletindo sobre o aprendizado da matemática, principalmente no núcleo de Iniciação. Ele se dá através da repetição de exercícios. Certa vez, em uma palestra, alguém disse que um grupo de alunos, após uma eleição da Assembleia, precisou aprender a fazer divisões para apurar os resultados da eleição. Em meia hora, eles aprenderam a dividir sem ter que se submeter aos tradicionais exercícios: "João tinha 20 laranjas, e queria dividi-las entre seus dois irmãos...", ou seja, a aprendizagem deles foi significativa e respondendo a uma necessidade imediata. Porém... E quando situações como esta não acontecem? Como ensinar matemática sem ser pela repetição de exercícios?

Educadora brasileira:



O currículo da Iniciação não consta a Língua Inglesa. O interessante é que na Consolidação há crianças da 3ª vez (uns 9 anos), por exemplo, que já têm a possibilidade de estudar Inglês. Na Consolidação e no Aprofundamento acontece estudo da língua e não ensino da língua, ou seja, a metodologia de trabalho é a mesma que funciona para as demais disciplinas. É, exatamente, nesse ponto que professores apontam a necessidade de alguns ajustes, sobretudo para garantir o trabalho da oralidade. Acompanhei algumas discussões neste âmbito. Nem todos os conteúdos são estudados através de projetos...

É com base no perfil do aluno e no acompanhamento feito pelos professores, quanto aos objetivos dos conteúdos do currículo, que a Equipe decide quem está apto a mudar da Iniciação para a Consolidação e deste para o Aprofundamento.

Na Matemática, pudemos observar na Iniciação muitas atividades que nos deixavam um pouco intrigadas... Sabemos que há conteúdos em que são necessários muitos exercícios, mas sentimos falta de mais jogos, situações desafiadoras, problemas que contextualizassem as operações. Aqui nós nos mexemos um pouco mais e conseguimos, por exemplo, levar as crianças para feiras, supermercados e colocá-las em situações reais de cálculos, mas lá isso não acontece. Eles mesmos nos reconhecem como mais ousados e até acham que dispomos de mais materiais para trabalhar, como jogos.

Percebi que, pelo fato da Escola da Ponte estar organizada de uma maneira bem diferente, a concepção de tempo também é outra. Tenho notado que em nossa rotina de trabalho, entre uma série de outras exigências, às vezes infundadas, temos que dar conta de finalizar os livros de cada disciplina ao longo do ano, a fim de que as famílias entendam assim que encerramos os conteúdos a serem trabalhados, e que, portanto, a escola em que matricularam seu filho é boa.

Vocês não acham que esta questão do tempo também é um fator que influencia na motivação das crianças, já que estamos o tempo inteiro aceleradíssimos, sem nem esperar, na maioria das vezes, que o aluno consiga dar um sentido para aquilo que está "aprendendo"?

Professora:

A questão do tempo parece incontornável. Com as devidas diferenças relativamente a outros métodos de ensino, também na Ponte o tempo é motivo de indagações. Contudo, as reflexões que desenvolvemos são fundamentalmente relativas à gestão que os alunos fazem do seu tempo, em vez do ritmo acelerado a que o professor se obriga no cumprimento do currículo. Na Ponte, apesar de termos um projeto educativo bem diferenciado da rede nacional, somos uma escola pública que deverá garantir o currículo essencial. No entanto, a organizámo-nos por núcleos,



ciclos de desenvolvimento que se definem num equilíbrio entre o plano curricular e o desenvolvimento pessoal e social de cada criança. A ordem e a sequência das aprendizagens são construídas pelo aluno, sendo negociada com os orientadores educativos, num percurso em que o crescendo de autonomia e responsabilidade da criança se converte num diminuendo das intervenções e orientações mais diretas de cada orientador.

Ao longo destes períodos, cada aluno deverá desenvolver, no seu ritmo e com todo o potencial, as competências básicas previstas. Há um efetivo respeito pelo ritmo de aprendizagem, acrescido de uma motivação natural e responsabilização de cada criança que resultam desta negociação e construção dos percursos de aprendizagem de cada um. Cada criança aprende o que responsabilmente escolhe e gerindo o seu tempo. Obviamente que estes fatores influenciam a motivação de cada criança. Em qualquer outra escola, sabemos que, de acordo com a organização vigente, o respeito do ritmo e a individualidade de cada um são metas inalcançáveis.

Já que o Projeto da Ponte visa atender as necessidades individuais de cada aluno, acredito que a partir daí a afetividade e o acolhimento dos professores e dos colegas, centrada na aprendizagem do aluno, começa a se processar, daí a motivação impera e leva ao aluno atender a demanda escolar. Eu sei que não é simples e que não há receitas para isso, tudo está muito mais voltado para as subjetividades do que para as regras de conduta e procedimentos. O trabalho é bem artesanal e está no âmbito do desejo, para o qual não há explicações evidentes. Entretanto, no sentido prático da questão, os planejamentos pessoais de cada aluno como são realizados? Há um pré-planejamento por parte do professor, sob a indicação do tutor, para cada aluno? Como os alunos se fazem inserir nesse planejamento, para que venha a dar conta dele?

Professor:

Em situação "normal", o aluno tem uma margem de autonomia que chega (em casos raros) a ser quase total. Isto é, o aluno define o seu projeto (individual, de grupo, ou coletivo), estabelece objetivos e elabora os seus planos de quinzena, com uma participação reduzida por parte de professores ou do seu tutor. Em tempo de "crise", a equipe de professores intervém, à priori, estabelecendo objetivos e tarefas que os alunos deverão incluir nos seus planos. Para que se compreenda melhor o porquê desta diferença, direi que muitos dos alunos que vêm de outras escolas para a Ponte confundem liberdade com licenciosidade e não sabem o que é trabalho de projeto. E, para acontecer à prática de trabalho de projeto, também os professores deverão estar praticando... trabalho de projeto.



Pelo que entendi, os alunos têm autonomia para escolherem seu roteiro de pesquisa/projeto quinzenal. Essa escolha é feita a partir de conteúdos ou assuntos pré-estabelecidos? Por exemplo: os alunos podem escolher a ordem que querem estudar e como, mas é necessário estudar todo o currículo; ou ele tem liberdade, pelo menos em partes, para estudar o que deseja, não necessariamente seguindo uma determinação de conteúdos?

Professora:

Os alunos podem escolher o que querem aprender, mas essa liberdade não permite a opção pelo não trabalho. Os alunos têm consciência disso e, por essa razão, planejam, quinzenalmente, o estudo de conteúdos associados a cada uma das áreas.

Imaginemos que um aluno, durante toda uma quinzena, não trabalha Língua Portuguesa. Num momento de balanço, o tutor alertá-lo-á para esse fato e aconselhá-lo-á a iniciar a quinzena seguinte com o estudo desses mesmos conteúdos. A total rejeição de determinados conteúdos por parte de um aluno não passa despercebida aos olhos do orientador educativo. Quando tal se verifica, o professor analisa as causas dessa recusa, adequa, ou mesmo modifica estratégias, de modo a despertar o interesse do aluno. Tais casos extremos não se verificam com regularidade, ainda que nos confrontemos com alguns problemas como a tendência para um ritmo de trabalho lento e um estudo pouco sistemático.

As metas que o aluno estabelece, quer quinzenalmente quer diariamente, não devem ser encaradas como restrições, mas como orientações para o desenvolvimento do seu trabalho. O não planejamento do estudo conduziria ao caos. Para, além disso, o trabalho que estes alunos desenvolvem em projeto prevê o estudo de conteúdos não contemplados no programa emanado pelo Ministério da Educação.

Na Escola da Ponte, não são inventariados conjuntos de objetivos a atingir no final de cada período ou de cada ano. A avaliação não se centra no número de objetivos avaliados, mas na regularidade do trabalho, nas evoluções diagnosticadas (por menores que sejam), na capacidade de aplicar saberes em contexto.

Tenho implantado na minha prática diária uma dinâmica bastante nova para os alunos que sempre tiveram aula formal. Implementei um cotidiano em que a escolha e a liberdade são bens de que todos devem se apropriar. Fazemos pesquisas sobre os mais variados assuntos (à escolha dos alunos), de camarão a nazismo, e tenho tido ótimos relatos por parte dos alunos.

Quando Decroly diz "O homem não está só, porque trabalha, e trabalha para não estar só", ele nos revela a implicação social que esta relação proporciona. Minha pergunta é a seguinte:



essa liberdade de escolha, de interesses (que não tem fim) gera conhecimento para o grupo que frequenta a Escola da Ponte? Esses conhecimentos ultrapassam os muros da escola? De que forma? Essa liberdade aparece nas famílias? De que forma?

Professor:

"O homem não está só, porque trabalha, e trabalha para não estar só" – Paulo Freire também o dizia de outro modo. E, como vemos em muitos outros lugares de ensinar e aprender, vão acontecendo "dissonâncias, que provam que a Ponte não está só. A liberdade de escola dá sempre origem a perguntas surpreendentes. Um aluno pergunta: "Se as árvores respiram pelas folhas, por onde respiram as árvores no tempo em que não têm folhas? E os professores têm mais uma oportunidade de aprender, porque o aluno lhes mostrou que um professor não sabe tudo...

A liberdade de escolha, a possibilidade de fazer perguntas (e as perguntas das crianças são sempre perguntas inteligentes, se as deixarem perguntar...), bem como primado do interesse, criam situações geradoras de conhecimento. Imagine-se o que terá aprendido o professor que acompanhou o processo de pesquisa do aluno que quis saber por onde respiravam as árvores!

O conhecimento resultante de processos de aprendizagem significativa – que acaba sendo, também, socializadora – ultrapassa os muros da escola, porque tem sempre utilidade social. Os projetos são lócus de mudança, de mudança na escola, de mudança familiar e social. A escola não muda a sociedade, nem muda sozinha – a escola e a sociedade mudam em simultâneo.

Como se pode partir de uma simples pergunta da criança, para se montar o plano de estudo? Como acontece isso?

Professora:

As crianças escolhem a partir das suas curiosidades, que podem, ou não, estar contidas nos conteúdos curriculares. No uso de uma liberdade responsável, escolhem tarefas a realizar, promovem a aprendizagem pela descoberta, o que leva a que as aprendizagens sejam significativas. Desenvolvem motivação intrínseca para a aprendizagem, tornando-se cada vez mais autônomos... É através das suas curiosidades que surgem os projetos, que trocam idéias em grupo e consensualmente escolhem o tema, que desencadeará várias aprendizagens das diferentes valências. A partir daí, vão colocando no plano o que precisam aprender para desenvolver esse projeto.

Nos casos em que a criança não se aperceba, o professor tutor a orientará, ou comunicará com o professor da valência em questão, para "negociar" com o aluno.



Se eu tivesse sido aluna da Escola da Ponte, talvez conseguisse me conter nas perguntas sabendo que a regra estabelecida é a de cada um levantar uma questão por vez e tomar lugar no final da fila para, de dedo para cima, poder falar de novo depois de todos terem perguntado. Desculpando-me da indisciplina deliberada vou apresentar por ordem de curiosidade algumas perguntas que, nos textos, me escaparam as respostas.

A escola dedica-se apenas às quatro primeiras séries de escolarização? Em caso positivo por que não acompanha os alunos em toda a trajetória deles na educação básica?

Em um dos textos faz-se referência aos espaços de ciências, mas pareceu-me que se trata do lugar destinado ao estudo da matemática, é isso mesmo? O que as crianças elegem para aprender de ciências da natureza?

Senti muita vontade de ver os planos de trabalhos das crianças, seja o quinzenal, seja o semanal. É possível disponibilizar reproduções dos planos de aprendizagem deles para conhecermos?

Educadora brasileira:

Por vinte e cinco anos, a Escola da Ponte trabalhou apenas com o 1º ciclo (até o quarto ano), o que foi importante para a consolidação das bases do seu projeto educativo. A partir do ano de 2001, foi introduzido aquilo que no Brasil nós chamamos de Fundamental2.

Em todos os espaços os estudantes trabalham Matemática, Ciências e as demais disciplinas do currículo, conforme os seus planos. Nas estantes e bancadas existentes nos espaços há materiais disponíveis para serem utilizados. O espaço "António Gedeão" (nome de um poeta português), utilizado pelo Núcleo de Consolidação, divide-se em dois ambientes, e um deles funciona como uma espécie de laboratório, onde fica o terrário, bancadas com pias e torneiras, entre outros, mas nada que lembre aqueles laboratórios sofisticados.

Do meu Diário de Campo pessoal retiro as seguintes anotações do dia 06.10.2005, por ocasião de observações num dos espaços do Núcleo de Iniciação:

"As crianças estavam reunidas com os seus Tutores e o Plano do Dia ficou o seguinte: não arrastar as cadeiras; saber pedir a palavra; ajudar o grupo; falar baixinho; reunir com a tutora; arquivar as folhas da quinzena; fechar e abrir a quinzena; Língua Portuguesa (cada um escreve de acordo com o seu plano da quinzena, o que torna o plano do dia pessoal); Matemática (cada um escreve de acordo com o seu plano da quinzena, o que torna o plano do dia pessoal); auto avaliação."

"Na volta do intervalo já não se reuniram mais com os tutores, mas com os professores dos diversos espaços. Na ocasião, foi discutida e elaborada a parte coletiva do Plano da Quinzena nº 21, de 06.10.05 a 19.10.05, que ficou o seguinte: continuar a preparar as eleições; instalar a mesa da assembleia; conhecermo-nos melhor uns aos outros; fazer as promessas; fazer a Campanha



Eleitoral; fazer as eleições; instalar a Comissão de Ajuda; pensar nos problemas que existem na Escola, na vila e no mundo; continuar a participar nos debates; continuar a pensar nas responsabilidades existentes e melhorar; iniciar o Projeto da Casa da Música; L.P. (cada um escreve de acordo com o seu plano da quinzena, o que torna o plano da quinzena pessoal); M. (cada um escreve de acordo com o seu plano da quinzena, o que torna o plano da quinzena pessoal)"

As “competências gerais” inscritas no vosso projeto norteiam apenas a escola da Ponte? Quais foram as “inspirações” para essas escolhas? Você poderia nos dizer quais são as competências gerais?

Professora:

As “Competências Gerais do Projeto” norteiam apenas a Escola da Ponte, embora algumas delas estejam também previstas, nas Competências Essenciais do Currículo Nacional do Ensino Básico. A Escola criou um documento próprio no qual essas competências gerais surgem elencadas.

Na avaliação, a importância atribuída a estas competências é equivalente à importância atribuída às competências previstas por cada uma das dimensões do currículo. Reside neste ponto o que nos distingue das restantes escolas, nas quais o cognitivo se sobrepõe, claramente, ao atitudinal.

As Competências Gerais elencadas de acordo com os princípios que norteiam o projeto Fazer a Ponte (a grande inspiração de tudo o que fazemos na Escola) são as seguintes: Responsabilidade, Entajuda, Persistência e Concentração, Autonomia, Criatividade, Participação, Auto planificação, Auto avaliação, Autodisciplina, Resolução de conflitos, Resolução de problemas, Pesquisa, Análise e Síntese, Comunicação, Utilização das TIC.

As competências curriculares previstas para cada uma das valências são discriminadas pelas várias dimensões e coincidem com as estipuladas pelo Ministério da Educação.

O programa e planos quinzenais contemplam todas as disciplinas? Quero dizer, existe um controle de que o aluno tenha estudado todas as disciplinas? Ou isso fica a critério do aluno, de seus gostos e preferências?

Professor:

Uma das tarefas do tutor é assegurar que, no final de cada ano, exista equilíbrio entre todas as áreas. Este equilíbrio não passa tanto pelo tempo, mas por aquilo que cada aluno fez efetivamente, tendo em conta as suas capacidades e interesses.



Por outro lado, é necessário que tudo isto seja explicado e não imposto. Tentamos, ao máximo, que cada aluno encontre dentro de cada área o seu próprio interesse e motivação. Sempre tentamos que todo o trabalho esteja ao serviço do projeto que os alunos pensaram e não que o professor deseja.

Entendi que os assuntos não se encerram enquanto ainda houver interesse e curiosidade por parte dos alunos. Porém, gostaria de saber se há um currículo básico a ser trabalhado, há “assuntos”, “matérias”, “competências” que não podem deixar de ser aprendidos pelos alunos? Como isso é garantido? Pais e alunos avaliam periodicamente este trabalho? Que instrumentos são utilizados para garantir o aprendizado?

Professor:

Tentarei sintetizar. A Ponte, como escola pública que é, está vinculada, de alguma forma, aos programas e competências essenciais definidas pelo Ministério da Educação. Contudo, temos sempre em conta que estes documentos são referências, aliás, como está explícito no nosso projeto. Felizmente, os programas e as Competências Essenciais estão relativamente bem feitos e abarcam um conjunto de temáticas que são muito simples de encaixar com o dia-a-dia e com as vivências dos alunos (normalmente).

Neste momento, a Ponte está a tentar abandonar (em negociação com o Ministério) os diferentes programas, para se passar a guiar só pelas competências essenciais.

Os alunos avaliam e avaliam-se todos os dias, todas as semanas e todas as quinzenas. Os pais, a todo o momento, se o desejarem, quinzenalmente e nas reuniões (sensivelmente mensais) com a equipe.

O conjunto de instrumentos é relativamente vasto conforme podem verificar no link instrumentos pedagógicos <http://www.escoladaponte.com.pt/document/Mapa%20de%20dispositivos.pdf> que identifica todos os dispositivos que existem na Escola. Este documento foi um documento de trabalho elaborado pela equipe no âmbito da renegociação do Contrato de Autonomia.

Gostaria de maiores esclarecimentos sobre um ponto. Na minha concepção, as aprendizagens significativas e a integração curricular são uns dos grandes referenciais sobre a escola...

Educadora brasileira:

Dar sentido às práticas escolares, promover aprendizagens mais significativas, refletir sobre a didática de algumas matérias, promover uma maior integração curricular e efetivar o trabalho com projetos, são alguns dos desafios, sob o meu olhar, a ser superados pela Ponte.



Para responder esta questão, preciso contextualizar o momento específico em que a escola vive. A escola passa por um momento de "crise", onde nem tudo acontece de acordo com a proposta. Uma das coisas que não percebi acontecendo no início do ano foi trabalho com projetos, principalmente no núcleo da iniciação. Dessa forma, percebia as crianças trabalhando, principalmente com alguns objetivos de português e matemática, de maneira descontextualizada. Por exemplo, atividades que demandavam repetições de tabuada, treinos ortográficos e motores. Não que isso não seja importante! Mas a repetição e a forma de elaboração dessas atividades me chamavam a atenção.

Na Consolidação, acompanhei o início do trabalho de alguns projetos e, nessa proposta, percebia uma maior possibilidade de trabalhar de maneira interdisciplinar, onde várias disciplinas poderiam contribuir para a compreensão de um determinado tema. Percebia que esse era o caminho...

Poderia nos enviar um exemplo do "programa" de uma disciplina ou projeto envolvendo disciplinas? O Rubem Alves fala que, estudando o "descobrimento do Brasil", isso motivou o estudo das caravelas. E, depois, o centro de gravidade. Depois... E depois... Mas como isso é registrado para ver o que está em desequilíbrio nos temas estudados?

Como é feito o registro dos planos cumpridos por cada aluno?

Os conhecimentos adquiridos têm uma permanência maior com esse método? Até que ponto pode se avaliar isso?

Professor:

O “Currículo Nacional do Ensino Básico / Competências Essenciais” e os diferentes programas podem ser consultados em: <http://sitio.dgidec.min-edu.pt/basico/Paginas/default.aspx>. Eis o resumo de um projeto (tanto quanto me lembro): “Como é constituído o Sistema Solar?”

Além de permitir o conhecimento explícito dos planetas, das diferenças entre eles, do tipo de estrelas, do conhecimento do Sol e da nossa Lua e das outras luas, levou a que os alunos trabalhassem a proporcionalidade direta, para tentarem construir um modelo do sistema solar (seria interessante que todos os alunos experimentassem para ver a estupidez que costuma aparecer nos livros didáticos) e trabalhassem a parte de modelação no âmbito da expressão plástica. Em consequência do projeto, visitaram o planetário do Porto, onde puderam colocar questões mais complicadas e de que os professores não tinham a mínima ideia.

Tendo em conta a descrição acima, é fácil compreender que o estudo da Língua Portuguesa só entrou como ferramenta e que o Inglês funcionou da mesma forma. A História participou de forma um pouco marginal. Isso implicou que eles trabalhassem estes aspectos paralelamente ao seu



projeto. Os projetos, além de permitirem o trabalho de aspectos curriculares (linguagem de professor), fazem com que não seja necessário motivar os alunos...

Para cada aluno temos uma grelha², onde constam todos os conteúdos que o Ministério previu. Sempre que um aluno termina o seu estudo registramos a avaliação que fizemos. Desse modo, vamos formando uma ideia do trabalho que foi realizado. Esta forma de trabalho proporciona aprendizagens significativas, integradoras, ativas, diversificadas e socializadoras. O que permite que os conhecimentos adquiridos assumam permanência e tenham uma utilidade maior, na perspectiva da aprendizagem por competências – são aplicadas e mostram que o que se aprende na escola tem interesse para a nossa vida.

Para a pergunta abaixo parti do princípio de que o programa elaborado pelos alunos da Ponte é composto de temas e não de conhecimentos específicos de cada disciplina. E de que um tema pode ser estudado nas especificidades de uma área, na relação de algumas apenas ou de várias áreas do conhecimento. Então surgiu a dúvida: o programa, os planos quinzenais contemplam todas as disciplinas? Quero dizer, existe um controle/orientação de que durante o ano letivo o aluno tenha estudado todas as disciplinas? Ou isso fica a critério do aluno, de seus gostos e preferências?

Aluna:

Sim, é verdade que os planos quinzenais contemplam todas as disciplinas e que esse plano vai servir de apoio ao professor-tutor (professor responsável pelo aluno) para que tenha consciência do desenvolvimento do aluno em cada área. O plano é feito para nos ajudar a gerir o tempo de forma a estudarmos todas as disciplinas de igual modo, não deixando nenhuma “para trás”. Fica a critério do aluno a ordem das matérias a ser estudada em cada disciplina, de acordo com as suas preferências, contudo TODAS têm de ter o seu tempo de estudo!

Professor:

Uma das tarefas do tutor é, precisamente, assegurar que, no final de cada ano, exista um certo equilíbrio entre todas as áreas. A ideia é que este equilíbrio não passa tanto pelo tempo, mas por aquilo que cada aluno fez efetivamente, tendo em conta as suas capacidades e interesses. Por outro

² "grelha" é o mesmo que "tabela", ou "planilha", no Brasil



lado, é necessário que tudo isto seja explicado e não imposto. Tentamos ao máximo que cada aluno encontre dentro de cada área o seu próprio interesse e motivação.

Sempre que existem projetos, tentamos que todo o trabalho esteja ao serviço do projeto que os alunos pensaram e não que o professor deseje.

Gostaria que ficasse muito claro que se tenta ao máximo que tudo isto seja assumido por cada aluno de forma racional.

Não consigo entender muito bem, peço novamente desculpas se sou daquelas alunas que ficam perguntando coisas óbvias no meio da aula, mas aí vai: Ainda não está claro para mim o dia a dia dos alunos e professores na escola, entendo que existem tarefas a serem feitas, que existem conteúdos a serem estudados. Mas, às vezes, me parece tão autônomo, que não precisariam de professores. Por exemplo, existem "aulas" como conhecemos aqui? Ou são apenas horários de tirar dúvidas com os professores? Quais são os momentos em que o professor ou tutor é requisitado? Isto pode acontecer em qualquer horário do dia? Um mesmo professor pode atender a vários grupos, ou não?

Tenho muitas dúvidas, tenho medo de não conseguir falar e receber as respostas de todas. É muita coisa pra aprender e desaprender... E como é difícil para quem nasceu dentro de um sistema tão fechado como o que eu estudei!

Aluna:

Eu não diria desaprender, pois o aprendido ajudar-nos-á a termos consciência do que não está correto, e isso será uma lição para não voltarmos a cometer os mesmos erros! É, contudo um prazer estar aqui com tanta gente interessada em mudar!

As perguntas óbvias de uns ajudam a dar resposta àqueles que, por pensarem que irão fazer “má figura”, guardam para si tais questões! Não tenha receio de perguntar, pois estamos aqui para responder!

Na verdade as “aulas como são aí conhecidas” existem também na Escola da Ponte e acontecem quando um elevado número de alunos mostra ter dificuldades numa mesma matéria. O professor dessa disciplina organiza então uma “Aula direta” (é esse o nome dado na escola da Ponte), em que participam todos os alunos que escreveram no dispositivo “Eu preciso de ajuda” o tema em que apresentam dúvidas.

Quanto ao professor-tutor, este pode ser requisitado pelo aluno em qualquer momento do dia, embora haja uma reunião semanal com todos os tutorados, para pôr em dia o trabalho realizado até então.



Quanto à sua pergunta sobre um professor atender vários grupos, isso é verdade! Os professores na escola da Ponte estão “espalhados” pelo espaço de trabalho e atendem um aluno assim que ele levanta o braço. Todos os professores trabalham com todos os grupos, não havendo distinção entre uns e outros.

Sei que é do aluno que deve partir a iniciativa de se inscrever no dispositivo 'eu já sei', para que faça uma avaliação de aprendizagem. Mas gostaria de saber se acontece também do professor/tutor perceber que um aluno já sabe algo mas se sente inseguro de passar pela avaliação. O que acontece nesses casos? Como o professor intervém e orienta o aluno para utilizar o dispositivo 'eu já sei', caso ele não tome iniciativa?

Professora:

O dispositivo pedagógico “Eu já sei” pretende desenvolver nos alunos a autonomia, responsabilização e consciencialização do seu processo de aprendizagem. Daí que não parta do orientador educativo a calendarização desse momento. No entanto, tal não significa que os alunos não manifestem em nenhuma altura essa insegurança que referiu na sua utilização, assim como alguns evidenciam dificuldades na gestão do seu tempo para o cumprimento quinzenal das tarefas escolhidas. O papel dos orientadores educativos e dos tutores é mesmo esse – o de orientar, auxiliar, (re)negociar, responsabilizar. Obviamente que não assumem um papel demissionário.

Os receios dos alunos são superados através do diálogo, ou seja, uma conversa informal é por vezes suficiente para o aluno perceber que está preparado. O reforço positivo é também encorajador. Ao conquistarem pequenas vitórias e sentirem o reconhecimento do seu trabalho, tornam-se mais confiantes, autônomos, conscientes...

Trabalho em uma escola em São Paulo, tenho lido... lido... lido... procurando entender, compreender, imaginar como funciona. Sei que funciona. Em Avaliação gostaria de perguntar: É através do plano quinzenal que os alunos usam o "Eu já sei"? A concretização do plano pode acontecer antes do fim da quinzena? Como se organizam os novos desafios?

Professor:

Ao planificarem as suas tarefas no "Plano da Quinzena", os alunos assumem o compromisso de, naquele espaço de tempo, cumprir aquilo a que se propõem fazer. Neste sentido, as tarefas que estão indicadas no plano devem ser avaliadas ao longo da quinzena e deverão ser indicadas no dispositivo "Eu Já Sei", por forma aos orientadores educativos da valência em questão verificarem as aprendizagens construídas pelo aluno.



Normalmente, quando o aluno termina uma tarefa de determinada valência, procura novos interesses nessa área e enuncia-os no "Plano da Quinzena", pelo que as tarefas nunca chegam a acabar, uma vez que o aluno tem constantemente curiosidades e interesses. Os novos desafios/tarefas surgem do interesse e motivação dos próprios alunos.

Professor:

O Tutor "negocia" quinzenalmente as aprendizagens que o aluno vai desenvolver. Por vezes, acontece que um aluno tem preferência por uma dada área descuidando as outras áreas. Apercebendo-se disso, o Tutor intervém chamando a atenção para o fato de o aluno estar a descuidar uma área do seu desenvolvimento. Tal é feito explicando a importância que essa área tem e levando o aluno a compreender que é fundamental que planifique o desenvolvimento de atividades dessa área.

Professor:

O "Eu já sei" é um dispositivo muito importante da vida da Escola, que se consubstancia numa folha de papel (normalmente A3) que está fixada na parede. Coisa simples e complexa ao mesmo tempo.

Gostaria que alargassem a explicação sobre o caminhar com o uso de ficheiros.

Professor:

A questão dos ficheiros dá uma ideia do gradualismo que caracteriza qualquer projeto. A utilização dos ficheiros coincidiu com uma fase de intenso debate sobre a falta de motivação dos nossos alunos. Como motivar? – era a pergunta. A resposta foi: não sabemos!

Depois, compreendemos que não se tratava de motivar os alunos, mas de dar sentido ao trabalho dos alunos. Então, os ficheiros foram abandonados. No seu lugar, instalamos (gradualmente e sempre avaliando) outra organização do trabalho escolar, que fizesse sentido e... onde os ficheiros já não faziam qualquer sentido.

Um professor da Ponte escreveu: “considero que nem sempre o aluno (criança no ofício de aluno) tem consciência das suas necessidades”. Detive-me no trecho em destaque. Vamos conversar sobre isto? Em que se está pensando, quando se fala em necessidades?

Professor:

É um lugar-comum afirmar que as experiências vividas e representadas pelos indivíduos condicionam e determinam as necessidades. E a determinação das necessidades não é um ato



estático – depende do momento e das funções do ator, o que confere ao enunciado de necessidades uma grande dose de imprevisibilidade e subjetividade.

As transformações por que passa um indivíduo determinam modificação de outros indivíduos, modificam os sistemas e influenciam a determinação de necessidades de outrem. A noção de necessidades terá, deste modo, que ser encarada em modelos descritivos assentes na compreensão de diferentes inter-relações.

O levantamento de necessidades surge como uma forma de identificação de prioridades relativamente a objetivos de formação, que possibilite identificar: as características de um presente fluído e em constante transformação e os contornos de uma situação desejável.

E (assumo) haverá necessidades induzidas (não “espontâneas”): a necessidade de que a educação equipe moral, intelectual e tecnicamente as pessoas, para que estas sejam produtoras de uma nova sociedade e não produtos da atual; a necessidade de desenvolver mecanismos de defesa a uma cultura massificadora e despersonalizadora; a necessidade de defender e desenvolver a identidade pessoal e coletiva afirmando as tendências que constituem a contrapartida dos processos de massificação.

Uma necessidade não é um dado a recolher. É uma noção relativa, condicionada pela ideologia e por impressões frequentemente subjetivas. A determinação de necessidades está dependente do sistema de representações. Tem sempre um carácter precário e relativo. Compete ao professor tentar compreender que necessidades estarão por detrás das necessidades enunciadas pelos alunos.

Participei recentemente de uma Conferência Educacional promovida pela Microsoft, na qual foram discutidas as novas formas de aprendizagens da "Geração Internet". Mestres e professores renomados discutiram novas formas do processo de ensino e aprendizagem para esta geração, principalmente os novos estilos de aprendizagem destes alunos, e como até a TV influencia neste processo, porque os alunos têm mais estímulos: cores, imagens, sons etc. Enfatizou-se a mediação do professor e houve questões em relação aos profissionais do futuro, além de questões filosóficas e da "educação por toda a vida". Como são trabalhadas estas questões na Ponte? Há espaço para a tecnologia educacional e é um fator de motivação para alunos e professores? Facilitam a aprendizagem? São utilizadas como ferramenta pedagógica?

Uma escola passou uma tarefa importante aos alunos da segunda série. A classe foi dividida em pequenos grupos, a professora apresentou as regras e colocou os alunos para trabalhar. Eles não sabiam que, para fazer perguntas sobre um conteúdo, é preciso estudá-lo e muito bem... Afinal, é exatamente isso que sustenta o aprendizado: ensinar a fazer perguntas certas. A segunda surpresa dos alunos foi descobrir que, para elaborar um trabalho, é preciso



dedicação e paciência, pois é necessário fazer rascunhos, reavaliar o que foi feito, reconhecer as falhas do projeto e refazê-lo inúmeras vezes. Vocês têm análises, relatórios, de quais são os maiores focos de interesses dos alunos? O PPP leva em conta estas questões?

Motivação e autonomia fazem todo um sentido para mim, mas penso que esta motivação está sempre centrada no sujeito, professor, aluno, em todos envolvidos neste processo, a motivação é a mola propulsora para se conseguir algo que sonhamos, que vai além da *praxis* do professor, deve ser considerado o contexto político-social e que sujeito quero constituir. O meu sonho é que no espaço escolar a busca seja sempre pelo conhecimento com "deliberação filosófica", buscando também a solidariedade, da sociedade, cidadania etc. Penso que já acontece na Ponte...

Professor:

Não creio que seja possível, ou sequer aconselhável, definir um perfil dos profissionais do futuro, dado que o futuro é algo fluído, imprevisível. Deveremos preocupar-nos com os seres que temos perante nós, como eles são, sem pretender formatá-los segundo qualquer padrão. É por esta razão que, na Ponte, afirmamos que não educamos para a cidadania, mas educamos na cidadania, no exercício de uma liberdade responsável, em espaços para tal preparados. Mas isso não significa que desistamos de desenhar hipóteses, de imaginar cenários possíveis do devir.

Na Ponte, há espaço para a tecnologia educacional, que facilita processos de ensino/aprendizagem. Fomos a primeira escola da região a introduzir as novas tecnologias. E, rapidamente, nos apercebemos dos méritos e dos riscos da sua utilização. Se não estivéssemos atentos, muitos alunos ter-se-iam convertido em autistas sociais. Os computadores e outras máquinas não são o centro, nem o estímulo. São dispositivos como quaisquer outros.

Os alunos das escolas do meu país manifestam necessidades imediatistas. São poucos os que exprimem intenções de "ascensão social". Eu diria que os alunos da Ponte não são imunes ao fenómeno. E creio que a maior motivação (talvez devido ao seu nível etário) seja o estar com o seu grupo, os seus amigos. Não é evidente a aspiração a uma carreira, ou a uma graduação. Talvez no ensino médio tal aconteça.

Dispomos de dados empíricos, não tratados, relativamente aos maiores focos de interesse dos alunos.

Qual é a diferença das aulas na Ponte com as tradicionais? Elas não têm que cumprir determinado conteúdos? A escolha da criança por alguma disciplina é, basicamente, interesse pessoal? E se a criança não se decidir?



Pai de aluna:

A principal diferença é a “dosagem”. Em escolas tradicionais, algo entre noventa e cem por cento do tempo das crianças na escola é ocupado por aulas predominantemente expositivas. Na Ponte, esta proporção é o exato inverso: no máximo, uns dez por cento do tempo com aulas expositivas. O conteudismo é algo que passa longe da Ponte. O conteúdo é importante, mas não é tudo. Os processos são tão importantes quanto os conteúdos.

Vejam o que acontece numa escola tradicional. Em geral adota-se um critério, para que se considere uma criança “aprovada”: uma determinada nota final mínima, que define o que a escola julga como o mínimo aceitável que a criança retenha de conteúdos. Isto varia de escola para escola. Há escolas que fixam em 50%, outras que fixam em 70% ou 75%. Isto é o mesmo que afirmar o seguinte: de tudo o que se ensina numa escola tradicional, se aceita que algo entre 25% e 50% dos conteúdos não seja aprendido, ainda que tenha sido ensinado... Não quero entrar na discussão se, quando o aluno não aprende, existe ensino de verdade, ou não. Mas é esta a realidade comum nas mais diversas escolas.

Na Ponte, as crianças acabam estudando e aprendendo, praticamente, todos os conteúdos clássicos das diversas disciplinas. E ainda aprendem a aprender de forma autônoma. E ainda aprendem a exercer a cidadania no dia-a-dia da escola. E fazem isto desta forma mesmo: escolhendo o que querem aprender a cada quinzena, mês após mês, semestre após semestre, ano após ano. Para isto são orientadas por seus professores-tutores, que também sugerem, orientam, explicam que, para aprender isto, é preciso, antes, aprender certas coisas...

Não sei se, quando a criança deixa de escolher algum conteúdo, ela não estuda aquele conteúdo. Mas posso afirmar, enquanto pai de aluna da Escola da Ponte e sem medo de errar, que aquilo que ela não aprende (porque não estuda, pois o que ela estuda na Ponte ela aprende) não chega aos 25% a 50% das escolas tradicionais. E afirmo isto com base na pesquisa rigorosa feita por uma comissão de especialistas da Universidade de Coimbra, designada pelo Ministério da Educação de Portugal, para avaliar os resultados obtidos pelos alunos da Escola da Ponte. Foi um trabalho exaustivo e meticuloso, que levantou e analisou dados das crianças nas outras escolas, depois que saíam da Ponte. Os resultados encontram-se publicados no site da Escola da Ponte (e revelam que as crianças da Ponte se saíram sempre consistentemente, ao longo dos anos, e bem acima da média conseguida pelas crianças da região e mesmo acima da média nacional. Vale a pena passar os olhos neste documento para ver isto (<http://www.escoladaponte.com.pt/document/CAEPonte.pdf>). Os resultados falam por si.

Quero saber sobre as outras atividades das crianças na escola como almoço, lanche, recreio, festas e atividades fora da escola, como passeios e visitas na cidade.



Como são as áreas externas da escola? Atividades de estudo são realizadas também ao ar livre ou em espaços abertos junto a jardins? Atividades de educação física, educação ambiental, são feitas no pátio da escola? E o pátio é usado em outros momentos recreio, leitura, festas, ele é usado para reuniões durante todo o dia, ele é um espaço integrado e apropriado pelas crianças?

Há horários estipulados de recreio para todos se encontrarem (brincadeiras ou descanso no pátio) interrompendo as atividades de pesquisa em grupo?

As crianças ficam o dia todo na escola. Há um horário estipulado de almoço? Elas voltam para casa? As crianças podem trazer a marmitex de casa? Na cozinha, algumas participam da elaboração do almoço, definição do cardápio, ou lavando e cozinhando os ingredientes? Cada aluno lava o seu prato?

Como é a estrutura de pessoal da escola, quantos são os funcionários que não são professores?

Educadora brasileira:

O espaço da Ponte é muito simples. Na área externa da parte da frente há um espaço com algumas árvores. Na parte de trás há uma quadra de esportes. Os alunos compartilham esse espaço na hora do recreio, que é comum a todos, e na hora do intervalo do almoço. O espaço externo é muito utilizado para jogos, comemorações. Era mais explorado pelo professor de educação física, que, inclusive, utilizava uma praça pública da cidade.

Esses espaços públicos são muito utilizados. As Assembleias acontecem no cine teatro, que fica em uma rua próxima à escola. Aconteciam visitas ao correio, à biblioteca... Existe, também, uma "escolinha", uma casinha pequena, em outro terreno, que também é utilizada pelas crianças da Ponte.

Quanto ao almoço, existe uma equipe de profissionais³, que prepara todo o almoço, serve as crianças, lava os pratos, decide o cardápio. As crianças pagam um valor acessível. As crianças tinham, também, a opção de almoçar em casa e voltar às catorze horas. A única criança que percebi trazendo almoço de casa era um aluno que tinha uma alimentação especial.

As crianças ficam na escola o turno integral.

³ Empresa concursada da responsabilidade da Prefeitura



O que percebe da realidade brasileira em comparação com a realidade da Escola da Ponte, em relação à motivação dos alunos? Quais os êxitos de vocês que valem a pena ser compartilhados? E quais as dificuldades ainda a serem superadas?

Professora:

Não nego a predisposição natural da criança para a descoberta, a sua natural curiosidade pelo desconhecido, a sua vontade de aprender. Porém, considero que alguns fatores externos podem influenciar positivamente a criança se a estimularem, despertando nela novos interesses. Refiro-me, sobretudo, ao núcleo familiar e à escola, contextos que devem promover o crescimento pessoal e cognitivo da criança.

Os programas do Ministério da Educação afastam-se, em alguns aspectos, da realidade, das coisas boas e interessantes da vida. E é óbvio que não podemos ficar à espera que, como por magia, os alunos se interessem por conteúdos aos quais não atribuem nenhuma funcionalidade.

A Escola da Ponte é uma escola pública e, como a todas as outras, foi-lhe incumbido o dever de assegurar o cumprimento do currículo essencial. No meu caso, oriento os alunos na sua aprendizagem da Língua Portuguesa e da Língua Inglesa. No que se refere aos currículos programados para estas duas disciplinas, e pensando agora numa escola de ensino tradicional, os saberes surgem compartimentados e levam o professor a decidir ensinar, por exemplo, os adjetivos sem que essa aprendizagem surja contextualizada. O exercício que tento fazer é o inverso. O aluno sentirá a necessidade de conhecer novos adjetivos para melhorar, por exemplo, um texto que já escreveu. É necessário existir um contexto para a aprendizagem (no caso das Línguas, um contexto comunicacional), podendo este resultar de uma necessidade do aluno ou de uma provocação, de um desafio do professor. A motivação pode ser natural (e, nesse caso, é o aluno que diz o que quer aprender) como pode também ser despertada por fatores externos (o orientador educativo) e estimulada através da disponibilização de materiais adequados e diversificados.

O fator tempo pode destruir a motivação das crianças se for um tempo imposto, um tempo que desrespeite o ritmo individual de trabalho de cada aluno, um tempo que desvalorize as experiências vividas pelos alunos em outros contextos, bem como os seus afetos. O tempo assim perspectivado será sempre escasso, porque atropelará os interesses da criança para aparentemente satisfazer as expectativas da família e garantir o reconhecimento do sucesso da escola e de instâncias educacionais hierarquicamente superiores.

Utilizo o advérbio "aparentemente" porque a preocupação em cumprir conteúdos programáticos estipulados e quantificar saberes sobrepõe-se à qualidade da aprendizagem. O princípio de equidade que regula o sistema de ensino tradicional (ensinar o mesmo a todos) é incompatível com a autenticidade de cada aluno. O processo de aprendizagem é célere e o tempo é gerido de modo a



que todos os alunos mostrem o que sabem numa hora marcada, como se todos interiorizassem os mesmos conhecimentos e desenvolvessem as mesmas competências de modo uniforme. A desmotivação surge porque o aluno não acompanha os ritmos e os tempos do professor. E, através de uma avaliação seletiva, o professor convence o aluno do seu insucesso, responsabilizando-o pelo fracasso, o que poderá ter consequências irreversíveis na sua autoestima, segurança e motivação. Não é o tempo, por si só, que desmotivará a criança, mas a consciência de que a sua gestão é algo que lhe é alheio. Na Escola da Ponte, a criança é autônoma no planejamento e realização das suas tarefas diárias, a sua individualidade e ritmo de aprendizagem são respeitados e os momentos de avaliação são programados pela mesma. A sua motivação cresce à medida que cresce também a sua confiança em si mesma.

As atividades prazerosas a que se refere são as áreas de "desculpabilização", que refere, ou é algo positivo, quando se faz a proposta da escola integral?

Outra questão: concordo que o tirar criança das ruas pode ser negativo, pois nas ruas elas apreendem outro espaço de cidadania. Porém, entendo com esse "tirar das ruas" como tirar da marginalidade. Não seria isso? Outra coisa: mesmo com a realidade brasileira de violência crescente nas ruas, especialmente em grandes centros, não ficaria complicado o "educar" nas ruas e enxergar nelas um espaço de cidadania?

Professor:

As artes deverão ocupar o mesmo espaço e ter a mesma dignidade de outras áreas. E não serem remetidas para atividades de contra turno. Nem preencherem tempos apenas em escolas de tempo integral. Sou adepto da escola integral. Tenho reservas em relação a escolas de tempo integral...

Quando se tenta retirar uma criança das ruas, priva-se a criança das aprendizagens que esses espaços proporcionam, cria-se a noção de que a violência é uma fatalidade, não se vai às raízes dos medos e fobias, e admite-se que a rua fique sendo exclusiva propriedade de marginais.

Admito haver riscos na utilização da rua como espaço de aprendizagem e de exercício de cidadania. Mas prefiro assumir riscos, porque não posso ser conivente com a existência de guetos. Quer sejam guetos-favelas, quer sejam guetos em condomínios fechados.

Fico preocupado com a altura dos muros das escolas brasileiras. E com aqueles para quem a rua é a única escola.

Gostaria de saber se é possível um de vocês, ou todos vocês fazerem uma atividade escrita, detalhando como é um dia na Escola da Ponte.



Ex-aluna:

Como sou uma ex-aluna apenas descreverei como era o meu dia-a-dia na Ponte.

Nós trabalhávamos por grupos, como já devem saber. Todos os dias, de manhã, planejavamos o nosso estudo, ou seja, escolhíamos aquilo que iríamos trabalhar durante o dia.

Quando eu andava na Ponte, havia quatro salas, onde estudávamos: Física e Química, Geografia e Ciências, Português, Inglês, Francês, Alemão, Matemática, História, Artes e TIC (Tecnologias da informação e comunicação, para quem não estiver familiarizado com o conceito).

Durante o dia, passávamos por todas as salas. Cabia-nos escolher que disciplina que iríamos estudar quando estivéssemos num determinado espaço.

No grupo, cada um trabalhava ao seu ritmo e todos tinham objetivos diferentes a atingir. Os colegas de grupo estavam prontos para ajudar qualquer outro elemento que necessitasse de ajuda. Quando algum aluno atingia um objetivo, procurava o dispositivo "Eu já sei", onde colocava o seu nome, para um dos professores fazer a preparação da avaliação. Após a avaliação, eram corrigidas as respostas o determinava se o aluno estava pronto para passar ao objetivo seguinte. Quando um aluno sentia dificuldade em compreender a matéria que estava a estudar, colocava a sua dúvida no "Eu preciso de ajuda". O professor da disciplina onde o aluno tinha a dúvida reunia um pequeno grupo de alunos com a mesma dúvida e esclarecia a dúvida de todos em conjunto.

Às sextas-feiras era dia de assembleia, na qual tratávamos assuntos e discutíamos atividades, para serem realizadas em conjunto.

Era assim o meu dia-a-dia na Escola da Ponte. Creio que outros colegas poderão completar a minha descrição, descrevendo também como é o dia-a-dia deles, já que ainda são alunos da Ponte.

Aluno:

Vou definir, em poucas palavras: é lindo e também cansativo. Às vezes, saímos muito chateados de lá, porque temos muitos problemas na escola, dando muitas vezes a vontade de desistir. Mas pensamos melhor e conseguimos ver as coisas boas deste projeto, que são muitas.

Trabalhamos por grupos de alunos de várias idades, para que possamos ajudar-nos uns aos outros. E o dia começa pelo preenchimento do plano do dia, que serve para nos orientarmos durante todo o dia.

À Sexta, temos um dia bastante preenchido, com um debate semanal, para falarmos sobre os nossos problemas, tentando conseguir resolvê-los. Na parte da tarde, temos a reunião de Responsabilidades. Na Assembleia, arranjam os soluções e partilhamos conhecimentos. Numa escola como a nossa, leva-se a sério os problemas dos alunos e do funcionamento da escola.



Entendi que os assuntos não se encerram enquanto ainda houver interesse e curiosidade por parte dos alunos. Porém gostaria de saber se há um currículo básico a ser trabalhado, há “assuntos”, “matérias”, “competências” que não podem deixar de ser aprendidos pelos alunos? Como isso é garantido? Pais e alunos avaliam periodicamente este trabalho? Que instrumentos são utilizados para garantir o aprendizado?

Talvez eu tenha que desaprender muitas coisas, desculpe!

Ex-aluna:

Não tem de pedir desculpa por nada, pois ninguém é obrigado a saber tudo sobre a Escola da Ponte, pois até mesmo eu, que lá andei nove anos, muitas vezes me interrogo sobre o seu funcionamento! Todos os anos o Ministério da Educação elabora uma listagem das matérias a ser lecionada nas escolas de todo o país e, como tal, todas são “obrigadas” a cumpri-la! A Escola da Ponte não é exceção. E, para que o objetivo do Ministério seja atingido, é necessário haver alguém que se responsabilize em especial por grupos de alunos, de forma a acompanhar mais pessoalmente o seu desenvolvimento e estudo! Para tal, foram criados os “grupos de tutoria”, assim como os “planos da quinzena”. Os grupos de tutoria são formados por um pequeno conjunto de alunos e por um tutor. Este tem a função de ver a evolução do aluno, durante o ano letivo. Em certas situações, assemelha-se a um pai, pois a ele cabe a tarefa de incentivar ao estudo, de ouvir, de ajudar, de controlar e de “resmungar”! Ao dizer que se assemelha a um pai, não quero dizer que se torna um pai. Apenas quero referir que o tutor torna-se responsável por nós, na escola, sendo ele a quem os nossos pais recorrem para obterem respostas quanto ao desempenho escolar do filho.

O plano da quinzena desempenha também uma função muito importante: a de organizar o nosso estudo! O plano da quinzena tem a duração de duas semanas e é lá que escrevemos o que nos propomos a estudar durante aquele período de tempo. Normalmente, esforçamo-nos por cumprir os nossos objetivos dentro do tempo acordado. Contudo, se houver necessidade, estes podem “prolongar-se” durante mais uma quinzena.

Este plano torna-se uma ajuda para o professor tutor que, nas reuniões de tutoria, atualiza os seus dados sobre o estudo do seu pupilo, vendo se este tem cumprido com as suas tarefas. É essencialmente desta forma que é assegurada a aprendizagem dos alunos na Escola da Ponte.

Nos nossos arquivos de família, localizei planos de estudos da minha filha, quando era aluna da Ponte. Podem ver um plano de uma quinzena (6 a 19 de maio de 2004) preenchido com a letrinha dela para terem uma ideia. Há pequenas diferenças para com o modelo atual. A cada ano, a escola aperfeiçoa e muda um ou outro detalhe neste importante dispositivo usado na Escola da Ponte. Não é assim?



Professor:

O plano que refere é o chamado “plano das cruzinhas”. Na verdade, os alunos não faziam exatamente um plano do dia ou o que pretendemos que seja um plano do dia. Com esse plano pretende-se que o aluno projete o que quer fazer nesse dia. Deverão estar contempladas tarefas e não objetivos, ou conteúdos.

[illegible]

É realmente emocionante ver relatar, com paixão, a passagem dos alunos pela Ponte. Fico a imaginar que você, durante aqueles nove anos dourados, tinha horário para entrar sem, contudo, horário para sair da escola. Conte-nos um pouco sobre isso. Os alunos ficam à vontade para desenvolver pesquisas na Escola da Ponte fora do horário mínimo de atividades? Desejo-lhe felicidades nesta nova etapa de sua vida. E, se me permite, satisfaça-me ainda uma curiosidade: não te vem de vez em quando à ideia de, um dia, trabalhar nessa escola que tanto amas?

Aluna:

Não fazia idéia de que conseguia transparecer a paixão que em mim mora pela escola da Ponte! Fico, contudo, muito contente por ver que o faço e que, de certa forma, está a ser bem apadrinhada por aqueles que leem as minhas respostas. Acreditem que não são nada mais do que verdades, porém tenham também presente a ideia que mesmo as rosas têm os seus espinhos!



O meu grande problema desde sempre foi gostar em demasia da Escola, não de qualquer uma, mas da Ponte! Os meus pais tiveram muitos problemas comigo no jardim infantil, pois a adaptação nunca chegou a acontecer realmente. Porém, assim que entrei na Escola da Ponte, o grande problema tornou-se a “desadaptação” à escola – Ansiava por entrar e desejava nunca sair! A escola era quase uma casa. Mas, como não era uma casa, tinha horas para fechar! Contudo, nunca nos era negado o desenvolvimento de atividades escolares (pesquisas, trabalhos...) após o horário escolar “obrigatório”. Além do mais, a escola tinha projetos de atividades extracurriculares a serem desenvolvidos para aqueles cujos pais não tinham possibilidade de irem buscar os seus filhos à hora de término “das aulas”. Desta forma a escola encontrava-se aberta, e a possibilidade de ficar lá um pouco mais a saciar a curiosidade era-nos providenciada.

A ideia de trabalhar na escola da Ponte várias vezes ocupou o meu pensamento, porém a vida de professor no nosso país já teve melhores dias e, como o ensino não é de todo a minha vocação, deixo-o àqueles que, muito melhor do que eu, o praticam! Contudo, estarei sempre por perto para apoiar.

Os alunos ficam à vontade para desenvolver pesquisas na Escola da Ponte fora do horário mínimo de atividades?

Ex-Aluna:

É realmente uma pena não ter tido a oportunidade de ver com os seus próprios olhos o sonho tornar-se realidade, contudo tenho a esperança de um dia destes a ver visitar a escolinha que um dia foi minha. Não vou poder responder à sua pergunta sobre os últimos temas que estudei, pois já não estudo na Escola da Ponte! Porém tenho a certeza de que a Catarina a poderá ajudar nesse campo. Os temas a estudar têm um período mínimo de quinze dias para serem cimentados e um “máximo” de trinta. Por muito cativante que objetivo seja, o seu estudo prolongado a um mês já leva consigo alguma preguiça... Quando acabamos o estudo da “matéria” escolhida, logo outra nos é proposta, uma vez que nove meses de trabalho em cada ano letivo são muito pouco para tanta coisa nova a aprender.

Não sei se continua a ser assim, contudo os temas a aprender eram escolhidos pelos alunos, de acordo com os seus gostos e preferências em cada disciplina. Não obstante, todo o programa proposto tinha de ser estudado. A ordem era aleatória, de acordo com as decisões de cada aluno.

A internet é, sem a menor dúvida, um instrumento essencial ao estudo, porque permite-nos estar sempre atualizados. E, também, porque a área de busca de informações é muito mais ampla! Nos meus anos de Ponte, não havia qualquer critério a coordenar as idas ao computador; sempre que



era necessária a sua utilização, bastava deslocarmo-nos ao computador, dar largas à curiosidade e pesquisar.

Gostaria que descrevesse um dia (com todas as atividades desenvolvidas) na Escola da Ponte.

Aluno:

Vou tentar descrever a sexta-feira, que é o dia em que se realiza a reunião da Assembleia, para ficarem a perceber o que isso é.

De manhã, quando chegamos à escola, fazemos o plano do dia. O plano do dia é um documento onde colocamos a o que vamos fazer durante todo o dia. De seguida, iniciamos o estudo da valência. Durante o resto da manhã, fazemos o dito trabalho normal. Na parte da tarde temos reunião de responsabilidade.

Para explicar melhor o que é uma responsabilidade, vou dar o exemplo da minha responsabilidade: "datas e eventos". Essa responsabilidade trata mais da celebração de datas especiais. Cada responsabilidade tem trabalho dentro da escola para que o funcionamento da escola seja o melhor possível.

Na parte da tarde, reúne a Assembleia. É um momento em que podemos exprimir a nossa opinião, estarmos todos juntos e resolver os problemas da escola.

É assim a sexta-feira na escola da Ponte.

Eu gostaria de saber como funciona o intervalo (ou recreio) na Ponte, visto que não tem sinal. Em especial, gostaria de saber como se comportam as crianças, se não existe intervalo.

Aluna:

Graças a Deus, os intervalos são imunes às mudanças estabelecidas na pelo Ministério da Educação!... Não pense que digo isto por não gostar de estudar, antes pelo contrário, visto ser algo que me dá imenso prazer. Contudo, tem de haver momentos de descanso, uma pequena pausa, para que tudo seja mais produtivo! É verdade que na escola da Ponte não há toques de campainha, alertando os alunos para a hora de intervalo e de aulas. Porém, não significa que não existam.

Como pessoas responsáveis e inteligentes que somos – não só os da Ponte, como os de todas as outras escolas – temos um horário a cumprir e, em todos os pavilhões de trabalho, existe um relógio que nos informa. Sabendo o intervalo começa às 10 horas da manhã, quando o relógio aponta para as 9h55, lentamente, começamos a arrumar as nossas coisas. E, silenciosamente, abandonamos a sala. O mesmo acontece, quando chega a hora de entrar nos pavilhões para retomar o estudo.



Acaso os alunos não tenham relógio, ou se, por qualquer outra razão, se “esqueceram” das horas, existem um grupo de responsabilidade denominado Recreio Bom, que se certifica de que todos cumprem com o horário estabelecido!

Seria compreensível o uso de campainhas se fôssemos pessoas irresponsáveis... Se não precisamos de campainha para jantar, para dormir, por que haverá necessidade dela para estudar? No intervalo, as crianças comportam-se como é suposto comportarem-se na sua idade! Jogam, saltam, correm, dançam, cantam, leem, comem... Enfim! Vivem a sua infância, como todos os outros. Não pensem que por andarmos em uma escola “diferente” teremos, obrigatoriamente, de serem diferentes de outras crianças. Temos os mesmos desejos, as mesmas preocupações. Apenas temos experiências diferentes de muitas outras...

Aluna:

Podemos não ter "campainha" de entrada e saída do espaço, mas temos algo chamado de autonomia e responsabilidade. Todos os alunos (e professores também) tomam atenção aos horários e respeitam-nos. Por vezes, pode acontecer de sairmos mais tarde, caso se justifique (se tivermos algum trabalho/tarefa para finalizar). E é claro que há sempre algum aluno que não respeita os horários (errar é humano!). De cada vez que tal acontece, o aluno explica sempre a razão do seu atraso ao professor.

Durante os intervalos, só tenho uma coisa a dizer: crianças são crianças e adolescentes são adolescentes. Comportam-se como tal. Mas não são "abandonadas" sem a supervisão de ninguém. Tanto os mais novos, como os mais velhos, têm alguém, durante o intervalo, para ajudar, sempre que necessário.

O ensino de línguas estrangeiras também acontece em grupos de pesquisa, ou em "classes tradicionais"? Os alunos da Ponte deixam a escola com fluência nessas línguas?

Aluna:

Nesta escola, esse ensino acontece da mesma forma que as restantes valências. Cada aluno tem para cumprir, durante uma quinzena, um item gramatical, leitura e interpretação de um texto e escrita de um pequeno conto. Estes três "objetivos" devem ser aplicados aos quatro idiomas. Também há uma espécie de "classes tradicionais", mas nós não gostamos muito desse nome por aqui, preferimos chamar-lhes de “exercícios de oralidade”, momentos em que fazemos leituras de textos, diálogos, e outras atividades.

Em relação à segunda questão, isso depende da aprendizagem de cada aluno, tal como em outra escola...



Pelo que entendi, os alunos têm autonomia para escolherem seu roteiro de pesquisa/projeto quinzenal. Essa escolha é a partir de conteúdos ou assuntos pré-estabelecidos? Exemplifico: os alunos podem escolher a ordem que querem estudar e como, mas é necessário estudar todo o currículo; ou têm liberdade, pelo menos em partes, para estudar o que desejam, não necessariamente seguindo uma determinação de conteúdos? É que essa questão de liberdade de aprendizado realmente me interessa muito...

Educadora brasileira:

Questão interessante sobre a liberdade. Conforme já escrevi em outras respostas os objetivos ou conteúdos das disciplinas ficam expostos nos espaços e foram previamente construídos pelos orientadores educativos a partir do currículo nacional.

Geralmente são traduzidos para uma linguagem mais próxima das crianças. No início do quadro de objetivos de matemática da consolidação, por exemplo, está escrito: Você poderá vir, a saber... e seguem os conteúdos. Os alunos têm a dimensão do que podem estudar. Mas é claro que a escolha é constantemente negociada. Na iniciação, a condução do professor ainda

É muito grande, até para se estabelecer uma lógica em alguns conteúdos, na consolidação a possibilidade de escolha é maior. Acompanhei na consolidação o início de alguns projetos onde os alunos tinham a liberdade para escolher os temas. Os projetos eram trabalhados em pequenos grupos e cada grupo tinha o direito de escolher e estudar um tema diferente, ex "Como fazer um carro tuning?". A partir da escolha dos temas alguns questionamentos eram feitos, como por exemplo: Quais as questões que podemos formular a partir desse tema? Quais disciplinas podem ajudar na investigação? Como dividiremos as tarefas? A partir daí outros conteúdos poderiam aparecer. Acredito que o currículo na Ponte é mais democrático, mas, como em qualquer democracia, é preciso negociar.

Sou professora de Inglês e sinto muita dificuldade em despertar o desejo pela disciplina. Os alunos não demonstram interesse em aprender. Como poderia ajudar o desenvolvimento desses alunos?

Professora:

Percebo a sua angústia. Mas todos os alunos têm curiosidades e querem aprender, descobrir coisas novas nas diversas áreas. Talvez a solução seja conversar com os seus alunos, com intuito de discutir e aferir as suas motivações e interesses, para desenvolver as aprendizagens.



O diálogo deverá ser sempre o ponto de partida para trabalhar qualquer área, de forma motivada. Se começarmos pelo que eles querem aprender, isso poderá constituir-se em "arranque" para futuras aprendizagens, no âmbito da referida área. Paralelamente, é necessário trabalhar, recorrendo a estratégias diversificadas, indo ao encontro das especificidades de cada um.

O fato de os alunos trabalharem e planejarem em grupo pode transformar-se em mais uma ajuda para colmatar a dificuldade por si explanada.

Entendi que a colocação aponta a linguagem verbal como único meio de adquirir conhecimento. É isso mesmo? Há teóricos que dão sustentação ao que é trabalhado na Ponte?

Educadora brasileira:

Julgo que Vygotsky é uma referência no estudo da relação entre linguagem e pensamento e uma das várias influências na Escola da Ponte.

Não me parece que a linguagem verbal seja o único meio para atingir o conhecimento. Mas toda a linguagem necessita do veículo da palavra para podermos comunicar. E, quando comunicamos uns com os outros, estamos a gerar conhecimento.

Sobre a relação entre a linguagem e o pensamento e como essa questão é abordada na Escola da Ponte gostaria de acrescentar algumas ideias. Na Escola da Ponte, os conteúdos que os alunos estudam estão baseados no currículo nacional. Todavia, os alunos escolhem o que querem trabalhar, quando querem trabalhar e como querem trabalhar. Assim, logo na escolha do tópico a estudar há um processo em que o próprio aluno é levado a refletir sobre o que sabe sobre um dado tema, ou seja, sobre quais são os seus pré-conhecimentos. A partir desses conceitos (leia-se, linguagem), o aluno desenvolve o seu pensamento, relacionando os novos conceitos com os seus conceitos iniciais. Durante o seu estudo (seja este de pesquisa, trabalho de laboratório, ou outro) coloca em conflito os seus conhecimentos prévios com o conhecimento novo, reformulando as suas estruturas mentais. Um método de trabalho, em que as diferentes disciplinas não são percebidas como reservatórios estanques, potencia este conflito cognitivo, pois o aluno é levado a relacionar conceitos de diferentes áreas.

O orientador educativo tem um papel importante, colocando questões que põem em contradição os conhecimentos do aluno com o novo conhecimento. Não há turmas, nem professores de disciplinas. Os orientadores educativos apoiam o estudo de várias áreas, harmonizando ideias, conceitos, harmonizando a linguagem. Deste modo, evitam-se as aprendizagens mecânicas. O aluno interioriza os conceitos através de aprendizagens significativas. Estas aprendizagens têm a grande vantagem



de serem muito mais duradouras. Os alunos não decoram matéria para despejar num exame, interiorizam conceitos que perduram, desenvolvem a linguagem e o pensamento.

Muito importante também no desenvolvimento do pensamento é o trabalho cooperativo. Este trabalho desenvolve, não só o aluno que beneficia do apoio, mas também o aluno que dá o apoio ao colega. Ao explicar algo, o aluno tem que dar exemplos, relacionar conceitos, explicar teorias. Ao fazê-lo, desenvolve a sua própria linguagem e pensamento. A interação social entre alunos é um aspecto fundamental do desenvolvimento do pensamento.

Professor:

A linguagem desempenha um papel absolutamente decisivo no desenvolvimento do raciocínio e do conhecimento. Três fatores são fundamentais: a experiência, as interações sociais e a afetividade/emoção. Na Ponte, acontecem experiências concretas, nas quais as interações sociais têm um papel decisivo. A experiência (e sua qualidade) precede a linguagem e é influenciada por ela.

Na Ponte, é difícil encontrar uma linguagem suficientemente compreensível e coerente para desenvolver o tipo de trabalho que tentamos desenvolver. Muitas vezes, a linguagem me tolhe o pensamento e o condiciona.

Na Escola da Ponte, os alunos e professores pesquisam sobre música? Há alguma atividade de artes com abordagem específica em música? Existe um coral ou oficinas de instrumentos (violão, flauta-doce, percussão ou algo assim)?

Professor:

Os alunos pesquisam arte em geral, mediante o projeto artístico que estão a desenvolver no momento. A pesquisa é direcionada para o tema do projeto que foi escolhido, seja ele individual, ou coletivo. A pesquisa musical é feita utilizando os recursos que a escola oferece; porém, muitos são aqueles que envolvem os familiares ou amigos na ajuda à pesquisa do tema escolhido. Os professores também pesquisam, não só para ajudar a fornecer informações que, por vezes, os alunos sentem dificuldade em arranjar, mas também preparando material de pesquisa que facilita e potencia uma pesquisa mais enriquecedora.

Os alunos do Núcleo da Iniciação passam duas a três vezes por semana pela área artística, que é um espaço onde trabalham regularmente três valências artísticas: a plástica, o drama e a música. Geralmente, o trabalho destas valências é diluído por atividades que interligam saberes e que têm objetivos comuns. Existe também uma componente teórica muito importante, feita em pesquisa ou debate.



No entanto, apesar de a música, geralmente, ser trabalhada com as outras valências artísticas, existem algumas atividades em que a música é trabalhada de uma forma direta e independente. Por exemplo, em alguns projetos de escola como uma festa, são criadas oficinas, de maneira a trabalhar apenas a música para tocar na festa. O processo de auxílio à aprendizagem é feito com uma dinâmica diferente do trabalho do dia-a-dia, no entanto tem sido a maneira possível de trabalhar artisticamente num curto espaço de tempo (geralmente a preparação para este tipo de festas é feito em duas semanas ou menos). É importante realçar que neste tipo de oficinas, o grupo de alunos pode ser bastante heterogêneo, pelo fato de ser aberto para a escola toda. Significa que numa oficina podem trabalhar crianças dos três núcleos.

Como disse anteriormente, as oficinas de música são criadas apenas se existir a necessidade para tal. Por exemplo, no início deste ano letivo, todos os alunos da escola foram convidados a participar num espetáculo coral. Inscreveram-se apenas os que sentiram vontade em participar, e com esse grupo de alunos foi criada uma oficina do coro. O trabalho foi direcionado apenas para aquele concerto. Depois do concerto, a dinâmica normal do trabalho artístico foi retomada.

Sabemos que as atividades lúdicas são envolventes e levam à aprendizagem. Frente aos projetos a serem desenvolvidos pelos grupos de alunos e a autonomia a ser alcançada, em que lugar se situa o lúdico, como é que ele é promovido durante as pesquisas dos diversos temas?

Educadora brasileira:

A sua pergunta foi a mesma feita pelo meu amigo Luckesi (que trabalha com avaliação), quando eu ainda estava em Portugal. Assim como você, eu também acredito bastante na importância do lúdico para o desenvolvimento e as aprendizagens.

Algumas iniciativas ficam mais evidentes no espaço das expressões artísticas e em um ou outro momento pontual, quando, por exemplo, as crianças da Iniciação brincavam de dramatizar a "História da Bruxa Medonha", produção coletiva.

Quais são, ou melhor, como você explica as atitudes firmes dos tutores, quando acontece reincidência de atitudes negativas dos alunos? Como os alunos organizam os planos quinzenais e diários? Escolhem os conteúdos que desejam? E as estratégias são de cada tutor?

Educadora brasileira:



As atitudes mais firmes vão no sentido da determinação de limites. Até casos de ter que evitar atitudes violentas de crianças para com as outras crianças. Não são casos fáceis. Realmente, é um grande desafio.

Os planos diários são feitos a partir do plano da quinzena. Os alunos elegem alguns dos objetivos que estão elencados para a quinzena e que podem ser cumpridos nesse dia. O plano do dia também passa pela negociação com os professores dos espaços. Os planos da quinzena contêm os conteúdos do currículo, a partir de uma escolha sempre negociada com os professores. A autonomia é construída gradativamente.

Os professores tutores sempre estão em contato com os demais professores, para compreenderem os avanços dos alunos nas diferentes disciplinas.

Eis os dispositivos mais importantes e determinantes da transformação paradigmática que a Ponte está a operar na educação: a preocupação com quem está ali, antes da preocupação de ensinar conteúdos de matérias básicas.

Lidar com o sujeito não é coisa fácil e, embora o foco da questão disciplinar seja o aluno, penso ser muito mais difícil e necessário disciplinar/conscientizar o adulto (professor/orientador).

Como é trabalhado um caso recorrente e insistente de indisciplina, quando o orientador/tutor daquele aluno não consegue "dar conta do recado", seja por falta de habilidade, por ser novo na escola, ou por estar com dificuldades pessoais com aquele aluno?

Professor:

Gostaria que refletíssemos sobre esta palavra: disciplina. A palavra "disciplina" deriva de "discípulo". Ambas têm origem do termo latino para pupilo que, por sua vez, significa instruir, educar e treinar. Assim, a palavra disciplina, além de significar, em sentido acadêmico, aula, cadeira ou cátedra, também é utilizada para indicar, em educação, a disposição dos alunos em seguir os ensinamentos. Não é um termo que se encaixa muito bem no espírito da Escola da Ponte, pois julgo que se o nosso José Pacheco não fosse de alguma forma "indisciplinado", este Projeto nunca teria surgido e avançado. Percebo, no entanto, que falamos em indisciplina, relacionando o termo com comportamentos perturbadores do ambiente de trabalho.

Não criamos um ambiente de solidariedade entre as crianças, se nós não formos solidários com os nossos colegas de trabalho. Acaso algum tutor esgote todos os seus recursos, ou tenha dificuldades em resolver um problema com uma criança, poderá pedir ajuda aos seus colegas de trabalho. Outra forma de lidar com a situação poderá passar pelo recurso à Comissão de Ajuda (constituída por alunos), que poderá chegar mais perto da criança em causa, ajudando-a a perceber que não está a



respeitar os seus deveres, interferindo com os direitos dos outros colegas, prejudicando-se, lesando todo um coletivo.

No meu ponto de vista, além do currículo, a avaliação é o grande "nó" nas nossas escolas. Em minha opinião, a auto avaliação é um dos processos mais ricos como "instrumento" de avaliação, pois se percebe que o aluno tem consciência das suas facilidades e limitações. Ele consegue obter critérios, e ser honesto nesse processo e, quanto mais cedo for instigado a autoavaliar-se, mais facilmente tornar-se-á corresponsável pelo seu desempenho, pelo seu crescimento. O que acham?

Quanto à avaliação transparente, concordo no sentido de que ela deve ser clara em relação aos seus critérios, mas acredito que essa transparência é entre aluno e professor e não como um instrumento de "punição" ao mau desempenho, ou "prêmio" ao desempenho esperado... Acho muito difícil o professor trabalhar com a questão da avaliação, acaba-se tornando uma forma de pressão e não um instrumento de crescimento individualizado (percebo isso claramente na escola particular de meus filhos). Ao mesmo tempo, me angustio, quando estou acompanhando o crescimento de uma criança e ela vem me mostrar seu "boletim", onde TODAS as disciplinas aparecem como NA ("Não Atingiu"). Me pergunto: Será que isso é possível? Um professor acreditar que, em um bimestre, uma criança de oito anos nada aprendeu?

Pergunto-lhes: o que fazer diante dessa situação? E a autoestima dessa criança? E esse professor? Como sensibilizá-lo? Hoje, se fala muito em inclusão na educação, mas nem mesmo esses alunos conseguem encontrar um espaço na sala de aula. O que fazer? Desculpa a minha angústia e meu desabafo, mas fico vendo estas questões sendo tratadas de forma tão "tranquila" na Escola da Ponte, que me questiono: por que não conseguimos? Será que os alunos vão conseguir arrebentar as amarras sociais que certamente encontrarão e lhes exigirão condutas mais normativas? Como mudar um conceito tão arraigado socialmente? Como conseguir com que a sociedade compreenda a importância de mudar certos valores, num mundo altamente competitivo e solitário, onde valores como a solidariedade e a honestidade?

Professor:

Tentando dar resposta às suas indagações/indignações, relativamente à primeira questão, concordo totalmente. Se nós pensarmos na nossa vida de "adultos", poderemos verificar facilmente que nos auto avaliamos centenas de vezes. Por outro lado, sempre que somos avaliados por outros, temos



a sensação de que algo não correu muito bem, que o processo não foi totalmente transparente, que demos prioridade a outros aspectos.

Em qualquer aspecto da nossa vida, em que tentamos melhorar, a auto avaliação é a nossa companhia. No entanto, será que todos nós estamos habituados e conscientes do que deve ser uma boa auto avaliação? Parece-me que não. Em toda a minha vida escolar, a auto avaliação foi utilizada muito poucas vezes e sempre na lógica de discutir a classificação do final do ano. Nada a dizer em relação ao processo, aos pontos intermédios, em relação ao acompanhamento por parte dos professores ou dos pares...

Será que isso é possível? Um professor poderá acreditar que, em um bimestre, uma criança de oito anos não aprendeu NADA? Eu acredito que é possível que um aluno tenha "NA"... mas acredito que também é preciso pensar o que esteve o professor a fazer durante todo o bimestre.

Quando eu trabalhava em outras escolas, quando tinha a sensação que um ou mais alunos não tinham obtido uma classificação positiva, pensava no que eu tinha feito de mal (e pelo menos não muito bem) e não naquilo que o aluno era incapaz. Se um aluno não atinge o objetivo traçado, várias coisas podem ter acontecido: o objetivo não era adequado (por não ser ele a escolher); não fizemos tudo o que poderíamos fazer para o ajudar (temos que nos autorregular e conversar em equipa para o fazer); a avaliação não terá sido a mais adequada (o aluno tem que assumir o seu papel na avaliação).

Quem de vocês poderá, por favor, emitir opinião sobre pareceres que me tiram o sono, pois minhas dúvidas são infundas?

Penso que a aquisição de conhecimento envolve a personalidade como um todo. Sendo assim, aquisição de conhecimentos não é um "produto" de uma parte ou uma "faceta": O que presenciamos na escola contemporânea do Brasil é que a tendência das avaliações é a de ressaltar aspectos quantitativos em que se colhem dados objetivos dos "detalhes", que, no cômputo geral, transforma-se numa contagem estatística, que indicaria a maturidade normal ou anormal, sem fazer indicações de sua possível origem. Onde fica, e como os miúdos diante a essa situação?

Como em todo acontecimento novo, a situação "avaliação" pode aparecer pela busca constante de aprovação, (Não é? Acertei?), ou pela tentativa de controle, (Posso fazer do meu jeito? Posso dar mais resposta? Pode ser? Talvez?).

Como em toda situação diagnóstica, posso pensar que surgem, durante essa situação, aspectos afetivos do sujeito, como: ansiedade pela dificuldade diante às situações novas, nervosismo, emoções e conflitos revelados por um exagero na timidez, hiperatividade com falta de concentração de atenção?



Professora:

A aplicação de provas e os juízos avaliativos que a partir delas se emitem conduzem inevitavelmente à hierarquização e rotulagem dos alunos. Procura-se, através das provas, confirmar sucessos e insucessos já suspeitos, de modo a criar legitimidade para recompensar ou punir. Assim perspectivada nas escolas tradicionais, a avaliação é o fim da aprendizagem, a razão que justifica o ter de estudar. Os alunos estudam porque vai sair na prova e não pela simples vontade de saber mais. Tal acontece, porque o valor de toda a aprendizagem é transferido para estes momentos: são as notas das provas que vão decidir se este aluno passa de ano ou não, se vai ficar sem ver televisão durante um mês ou não, se vai receber um computador novo ou não...

Aparentemente, as provas de avaliação apresentam-se como um instrumento infalível no controle das aprendizagens dos alunos. Confrontado com um resultado negativo, o aluno sabe que precisa de mudar algo para corrigir os seus erros e consolidar as suas aprendizagens. Porém, para além dessa consciência, que inferências faz este aluno em termos de reformulação de estratégias? Quantas oportunidades lhe serão dadas para aprender com os seus próprios erros (de imediato, inicia-se o estudo de novos conteúdos, seguindo-se a realização de novos testes)?

Para além de todos estes aspectos, ao longo do processo de aprendizagem, é valorizado, sobretudo o desenvolvimento de competências do domínio cognitivo, em detrimento do desenvolvimento de competências dos domínios afetivo e motor, pois só as primeiras serão objeto de avaliação. Promove-se a ansiedade, o nervosismo, a revolta, a desistência e esquece-se a confiança, a amizade, a solidariedade, a cooperação...

Relembro uns versos, que os alunos sentiram vontade de cantar na passada sexta-feira, em Assembleia (último momento em que estavam juntos, antes de ficarem de férias): Estudar não é só ler nos livros que há nas escolas. É também aprender a ser livre...

Numa escola tradicional, os alunos assumem um papel secundário na gestão da sua própria aprendizagem/sobrevivência escolar, são reprodutores de saberes e não reguladores do seu crescimento afetivo e cognitivo.

Professor:

Antes de mais queria agradecer a forma carinhosa como se refere a todos nós. Também nós, em Portugal e tradicionalmente, vemos os alunos serem avaliados por "números" que, segundo alguns professores, espelham o seu desempenho ao longo do ano. Felizmente, a realidade da nossa escola é bem diferente, na medida em que todos os momentos são de avaliação e formação, uma vez que pretendemos o desenvolvimento integral dos alunos, como membros ativos de uma sociedade cada vez mais exigente.



Nesta linha de pensamento e, uma vez que no ensino tradicional se vê os testes como principais veículos de avaliação, é perfeitamente natural que os alunos sintam esses momentos como cruciais e, desta forma, sentem uma elevada pressão, o que geralmente se traduz num sub-rendimento dos alunos.

Como consequência vemos os alunos a colocarem os valores e atitudes em segundo plano, preparando-se exclusivamente para o momento avaliativo crucial (os testes). É com mágoa que vejo alunos com atitudes exemplares, com espírito de sacrifício e trabalho verem os seus sonhos desmoronarem-se por terem falhado num "exame" (sendo o motivo irrelevante para os professores) e que, indubitavelmente, vai interferir na sua vida.

Na minha óptica é urgente alterar-se as formas de avaliação tradicionais, porque tal como Ludke afirmou "além de saber e de saber fazer, para ser um bom professor é preciso saber ser" e esta máxima aplica-se a todos os atores do processo educativo, pelo que é perfeitamente possível avaliar um aluno sem o sujeitar a momentos e processos limitativos e, por vezes, traumatizantes.

Duas questões me inquietam. Primeira: Na Ponte, os alunos têm certa liberdade para a escolha do que querem aprender (mas conforme ao que deve ser seguido pela secretaria da educação). E disso eu gosto muito de saber. Mas, supondo que um aluno não goste de determinado conteúdo (por exemplo, o da matemática, minha área) e se recuse a estudá-la, como fica o aprendizado desse aluno? E a sua avaliação? Sei que ele deve ser orientado pelo seu tutor, que procura esclarecê-lo etc. Mas ainda assim pode acontecer de o aluno não querer, não é mesmo? Se isso acontece nas escolas que não dão nenhum tipo de liberdade, imagine, então, na Escola da Ponte!...

Segunda: Vejo que a avaliação não tem caráter classificatório, nem separativo (o que é digno de louvor!). Sinto então que, Ponte, os alunos estudam por vontade de aprender, de crescer, vontade de conhecimento. É isso mesmo? Se for assim, ainda fica uma dúvida para mim: Os alunos também tem algum tipo de meta a se alcançar ao fim de algum período? Como, por exemplo, dar conta de todos os conteúdos do ano etc. Isso também não seria algum tipo de "classificação"? Claro que não do mesmo tipo que a outra, mas se tratará de um objetivo que pode, ou não, ser alcançado. Até um amigo me comentou outro dia: não importa se é nota de 1 a 10, ou conceito PS, S, PL, ou qualquer outro conceito... se há metas a se atingir, há restrições. O que vocês acham?

Professor:

Nunca tivemos casos de alunos se recusarem determinantemente a estudar determinada área. Temos alunos que gostam mais disto, ou mais daquilo, mas não temos casos de recusa total do



trabalho. Muitas vezes, é preciso encontrar o enquadramento certo para eles o começarem. Não é um processo livre de espinhos, mas é possível. Por outro lado, a alternativa a isto é ter os alunos absolutamente contrariados e a "fazer que fazem, a fingir que aprendem".

Os alunos têm várias metas: cumprir o plano do dia; - cumprir o plano da quinzena; - cumprir (grosso modo) cada um dos ciclos que a Ponte oferece. O último, na verdade, só tem consequências práticas para eles saírem, ou não, da escola. Ou seja: mesmo que, no final de um determinado ciclo, um aluno se mantenha *formalmente" no mesmo ano, o seu trabalho dentro da escola não sofre qualquer alteração. Continua a trabalhar, a aprender como se nada tivesse acontecido. Por outro lado, se no final do ciclo passar para o seguinte acontecerá exatamente o mesmo. Em parte, temos de fazer este raciocínio esquizofrênico no final dos ciclos para defender um pouco os alunos que, por qualquer razão precisarem sair da nossa escola.

Em Portugal, um aluno que termina o 1º ciclo e ingressa no 2º ciclo tem que ter uma boa base porque, se tal não acontecer, será (em quase todos os casos) abandonado pelos professores quando começar o 2º ciclo. Em muitas escolas, parte-se do princípio de que todos os alunos são iguais e que sabem tudo, ou quase tudo o que está para trás...

Professora:

A Ponte não é anarquia. Liberdade não implica desordem. Os alunos podem escolher o que querem aprender, mas essa liberdade não permite a opção pelo não trabalho. Os alunos têm consciência disso e, por essa razão, planificam, quinzenalmente, o estudo de conteúdos associados a cada uma das áreas.

Imaginemos que um aluno, durante toda uma quinzena, não trabalha Língua Portuguesa. Num momento de balanço, o professor tutor alertá-lo-á para esse fato e aconselhá-lo-á a iniciar a quinzena seguinte com o estudo desses mesmos conteúdos. A total rejeição de determinados conteúdos por parte de um aluno não passa despercebida aos olhos do orientador educativo. Quando tal se verifica, o professor analisa as causas dessa recusa, adequa ou mesmo modifica estratégias, de modo a despertar o interesse espontâneo do aluno. Tais casos extremos não se verificam com regularidade, ainda que nos confrontemos com alguns problemas como a tendência para um ritmo de trabalho lento e um estudo pouco sistemático.

As metas que o aluno estabelece (quer quinzenalmente quer diariamente) não devem, a meu ver, ser encaradas como restrições, mas como orientações para o desenvolvimento do seu trabalho. O não planeamento do estudo levaria sim à implementação de uma total anarquia. Para, além disso, o trabalho que estes alunos desenvolvem em projeto prevê o estudo de conteúdos não contemplados no programa emanado pelo Ministério da Educação.



Na Escola da Ponte, não são inventariados conjuntos de objetivos a atingir no final de cada período ou de cada ano. A avaliação não se centra no número de objetivos avaliados, mas na regularidade do trabalho, nas evoluções diagnosticadas (por mais pequenas que sejam), na sua capacidade de aplicar saberes em contexto.

Ver: <http://www.facebook.com/escoladaponte?sk=photos>

Surpreendi-me e fico imaginando ainda como é que um aluno conseguiria passar uma semana sem trabalhar a Língua Portuguesa, já que ele usará a língua para comunicar-se seja qual for o assunto em questão. A imposição da vontade dos professores sobre os alunos, mesmo que despertando "interesse espontâneo", confirma a não opção pela anarquia. Diz-nos Malatesta em seus "Escritos Revolucionários": "Se quiséssemos substituir um governo por outro, isto é, impor nossa vontade aos outros, bastaria, para isso, adquirir a força material indispensável para abater os opressores e colocarmo-nos em seu lugar. Mas, ao contrário, queremos a Anarquia, isto é, uma sociedade fundada sobre o livre e voluntário acordo, na qual ninguém possa impor sua vontade a outrem, onde todos possam fazer como bem entenderem e concorrer voluntariamente para o bem-estar geral. Seu triunfo só poderá ser definitivo quando universalmente os homens não mais quiserem ser comandados ou comandar outras pessoas e tiverem compreendido as vantagens da solidariedade para saber organizar um sistema social no qual não mais haverá qualquer marca de violência ou coação".

Imaginei que a Escola da Ponte agia nesta linha. Como você avalia a sociedade buscada pela Escola da Ponte? Tem governo?

Professora:

Referi-me ao termo "anarquia" como "bagunça", "confusão", "desordem", porque esta palavra tem, para o vulgar cidadão, esse significado. Não a utilizei propositadamente para me reportar a um sistema organizacional que nega o princípio de autoridade. Porém, esta pequena confusão em termos semânticos abre espaço a uma reflexão sobre o modo como a Escola da Ponte se organiza e funciona. Revejo-a, sem hesitações, nos princípios democráticos. Os orientadores educativos não são o "governo" desta escola. As decisões são pensadas e tomadas pelos alunos. A expressão máxima deste poder de decisão é a Assembleia de Escola. Através deste dispositivo, cada aluno pode manifestar a sua opinião e apresentar propostas no sentido de ajudar na resolução de problemas e contribuir para o bem-estar geral. As propostas apresentadas são votadas e as decisões são assumidas por todos. O que primeiramente foi uma proposta individual transforma-se em ação



coletiva (por exemplo, foram os alunos que redigiram e aprovaram a lista de Direitos e Deveres, o Eco-Código...).

Aproveito esta reflexão para voltar ao tema principal desta semana. Também o dispositivo "Assembleia de Escola" é um instrumento de avaliação interativa. Os alunos, em conjunto, refletem sobre condutas, questionam a pertinência e eficácia dos dispositivos que utilizam, dialogam sobre os problemas do dia-a-dia e procuram chegar a um consenso sobre as estratégias a adotar.

Relativamente ao papel do orientador educativo no momento em que verifica que um aluno rejeita totalmente o estudo de determinada área, penso que a tentativa de "despertar o interesse" dos alunos não deve ser interpretada como imposição. Há alturas em que o orientador educativo tem um papel a desempenhar: o de orientar, o de desbloquear situações de dificuldade que não puderam ser resolvidas nem pelo aluno nem com a ajuda dos pares. Essa orientação pode também ser pertinente no momento de planificação quinzenal ou mesmo diária, especialmente se um aluno se descuida no estudo de determinada valência. Os alunos da Escola da Ponte não têm todos a mesma autonomia, a mesma responsabilidade, a mesma capacidade de auto planificação e auto- avaliação.

É óbvio que a Língua Portuguesa é trabalhada pelos alunos em diversas situações e contextos (por exemplo, quando leem um texto sobre a Revolução Francesa; quando partilham algo que aprenderam no espaço de trabalho; quando respondem a perguntas sobre as rochas...). Referi-a apenas a título de exemplo. Porém, não esqueçamos que devem também ser promovidos momentos para o estudo de aspectos relacionados com o funcionamento da própria língua.

Entendo que a Ponte está num processo de pesquisa sobre a Educação da Infância. Pensando nisso, quais estratégias estão sendo discutidas no que se refere a autonomia e a organização disciplinar das crianças?

Professor:

Na verdade, infelizmente, a questão da Educação de Infância, na Ponte, ainda não começou a ser discutida a fundo. As instalações que a Ponte possui neste momento são extremamente exíguas. Durante algum tempo aventou-se a hipótese da Educação de Infância ficar localizada onde está hoje o Núcleo do Aprofundamento. No entanto, a necessidade levou a que esse espaço fosse ocupado com o Aprofundamento. Penso que a integração da Educação de Infância na Escola será extremamente útil e natural. Aliás, em Portugal, os educadores de infância trabalham em moldes muito semelhantes aos da Ponte.



Começa-se a notar alguns sinais de inversão desta tendência. Os educadores de infância estão a tentar "encostar" o seu trabalho ao dos professores do fundamental, perversendo, assim, o fantástico trabalho que fazem.

Na Ponte, cada aluno tem a autonomia que precisa e que é capaz de assumir. Penso que será exatamente isso que acontecerá com os pequenitos da educação Infantil, quando os tivermos na nossa escola.

“Na Ponte não existe nada como um ‘ano’ ou ‘serie’ para o aluno passar ou não passar. Por isto, nenhum aluno da Ponte ‘passa de ano’ pelo mesmo motivo pelo qual nenhum aluno da Ponte ‘repete o ano’: simplesmente não existe ‘ano’...” Sendo assim, gostaria de saber como se dá, em caso de transferência da Escola da Ponte para outra e de outra para a Ponte, o “nivelamento” do aluno. Ou seja, como as outras escolas procedem, quando recebem um aluno da Ponte (antes de terminar todo o ciclo), para inseri-lo num determinado “ano escolar”? E como a Ponte procede quando recebe um aluno de um determinado “ano”? Pressupõe-se que ele já saiba os conteúdos dos “anos” anteriores? Como é avaliado esse novo ponto de partida em ambas as situações?

Professor:

Apesar de em termos práticos (no trabalho com os alunos) não existir anos de escolaridade, eles administrativamente têm de estar inscritos num determinado ano. Ou seja, se um aluno sair da escola, as administrativas comunicam o ano em que ele está formalmente inscrito e ele integrará a nova escola nesse ano. Se o aluno vier para a nossa escola, ele integrará o Núcleo de Aprendizagem mais condizente com o seu perfil.

Obviamente que esta situação dos anos de escolaridade é extremamente constrangedora, uma vez que a nossa prática choca com o que nos é administrativamente imposto, mas tentamos gerir esta situação da forma mais sensata, por forma a não prejudicarmos nenhum aluno.

No Brasil, quando um aluno vai de uma escola para outra, exige-se um documento chamado Histórico Escolar, onde constam as notas dos alunos durante o tempo que ele passou na antiga escola. Gostaria de saber se, em Portugal, também existe este documento e como a Ponte faz neste caso, já que, para preencher o Histórico Escolar, é necessário colocar notas, e vocês não usam dar notas para os alunos.

Professora:



Na Escola da Ponte, o Processo Individual do Aluno consiste na compilação de todos os documentos/informações relevantes acerca do aluno e do seu percurso de aprendizagem. O processo de cada aluno acompanha-o no caso de transferência de escola e isso acontece em qualquer escola, em Portugal. No entanto, a informação que encontramos nos processos dos alunos da Escola da Ponte diverge das restantes escolas, no sentido em que não valorizamos a avaliação quantitativa.

Assim sendo, no final de cada ano, o professor-tutor elabora um relatório descritivo para cada um dos seus tutorados, o qual é incluído nesse processo. No relatório que redige, o professor tutor alude às competências e atitudes desse aluno, ao seu desempenho nas diferentes dimensões (Linguística, Identitária, Naturalista, Artística e Lógico-Matemática), descreve o seu contexto familiar e perspectiva algumas indicações pedagógicas para o ano letivo seguinte.

Para além dos relatórios anuais referidos, também constam do processo os registros de avaliação de cada uma das dimensões, ou seja, os registros dos conteúdos avaliados pelo aluno e das competências já adquiridas pelo mesmo.

No item 15 do "Projeto Educativo da Escola da Ponte", fala-se que ele está fundado no currículo nacional, articulado e organizado nas cinco dimensões especificadas no item subsequente. Minha questão é, e se o aluno não quiser tratar de nenhum tema ou assunto referente ao currículo? O que fazem? Reitero, e se os alunos recusam-se a trabalhar/estudar?

Professora:

É preciso ter em consideração que a Ponte é uma escola pública e, como tal, funciona de acordo com todos os pressupostos legais que regulam o ensino público. Também como já referiu, o currículo na Ponte tem por base o Currículo Nacional. Acontece que, na Ponte, este é entendido como um currículo aberto e flexível. E, quando digo aberto, tem a ver com a questão que me coloca, porque entendemos que a escola deve procurar valorizar os saberes que as crianças possuem, mesmo antes de vir para a escola. Também entendemos que qualquer proposta de estudo (porque surge a partir do interesse de uma ou várias crianças) deve ser respeitada e, bem assim, proporcionados os meios que facilitem a pesquisa e, consequentemente, a aprendizagem. Ainda há pouco tempo algumas crianças mostraram interesse em saber mais sobre a gripe aviária, outras sobre os tsunamis... e tiveram o seu espaço de estudo. Nunca passamos pela experiência que refere, mas gostaria de salientar que as propostas são sempre negociadas e as tomadas de decisão são responsabilizadas o que envolve planificação, avaliação... Por isso, se algum aluno não quisesse tratar de nenhum assunto referente ao currículo, as suas propostas, certamente, que seriam



discutidas com ele e com o grupo. E, se não houvesse nada que ele quisesse fazer teríamos que rever com ele o porquê de estar na Escola da Ponte.

